

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA**

LUCIANA DE FREITAS SILVEIRA

**Mulheres Negras com livros nas mãos: Uma trajetória das estudantes Gestunianas
negras, do Projeto de Educação Comunitária Integrar Rumo à Universidade**

FLORIANÓPOLIS – SC

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO**

**Mulheres Negras com livros nas mãos: Uma trajetória das estudantes Gestunianas
negras do Projeto de Educação Comunitária Integrar Rumo à Universidade**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Federal de
Santa Catarina como parte dos requisitos
necessários para obtenção do grau de
Licenciada em Ciências Sociais. Sob a
orientação do Professor Antonio Alberto
Brunetta.

**FLORIANÓPOLIS – SC
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota _____ a aluna Luciana De Freitas Silveira no Trabalho de Conclusão de Curso

Prof. Dr. Antonio Alberto Brunetta
Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Dr^a Marcia da Silva Mazon
Universidade Federal de Santa Catarina

Professora MS^a. Carina Santiago dos Santos
Rede Municipal de Ensino de Florianópolis

FLORIANÓPOLIS, 2018

Este exemplar corresponde à redação final da monografia defendida por _____ e aprovada pela Banca Examinadora em _____ de _____ de _____, com a média de _____.

FLORIANÓPOLIS
2018

“Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferros.”

Conceição Evaristo

Dedico este trabalho à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível porque ela veio antes de mim. Para você, Mãe, que se encontra com Olorum.

Durante meu percurso para pensar, imaginar esse trabalho final de Licenciatura em Ciências Sociais - noturno, sempre me vinham os agradecimentos. Confesso que escrever algo que parece “relativamente fácil” continua sendo difícil, passar para o papel a minha gratidão. Foram tantos/tantas os/as companheiros/as de luta... foi chão, foi dor e prazer até chegar aqui!

Agradeço ao Ser Superior, essa Força que emana e que me faz sentir sempre viva para a luta. Sei que o pai Oxalá me deu uma missão e espero que eu esteja cumprido as etapas e desafios dados. Meus pais Eva e Deoclécio, agradeço pela vida. Em especial por ter conhecido minha mãe, por hoje poder pensar em tudo que ela foi e fez por mim e por meus irmãos, é saudade que dói.

Aos meus irmãos Miguel, Fabiana e Bruno. Mesmo vivendo em um ambiente tão conturbado, sabemos que, de alguma forma, podemos contar uns com os outros. A minha irmã Fabiana, graduanda no curso de Serviço Social (UFSC), pela força e pela sabedoria ao enfrentar dificuldades impensáveis. Você é a expressão da mulher negra guerreira, não tenha dúvida. A minha gratidão a minha família Silveira e Freitas, quantas questões a serem desvendadas sobre estes sobrenomes.

Aos homens de minha vida: meu companheiro Lindomar, que me presenteou voltando a estudar – isso sim é uma prova de amor para uma mulher que encontrou na educação uma possibilidade. Amo-te, meu velho, e todas as dificuldades passadas, futuramente serão recompensadas! Aos meu lindos filhos, lindos mesmo, Lucas e Lenon. Por conta de vocês eu sou uma mulher mais aguerrida, principalmente na educação dos nossos. Aos meus netos, que susto! Sim, tenho três! Uns fofos, lindinha e lindinhos da vovozinha. A minha sobrinha Larissa, a filhinha que eu não tive, orgulho da tia-dinda, será uma baita pedagoga.

Ao Alberto Brunetta, com carinho. Obrigada, professor, pelo acolhimento, pelo ter aceitado o meu tema. Fico na certeza de que nós dois aprendemos muito e que você me proporcionou ir um pouco mais além, onde as barreiras são todo tempo impostas às mulheres negras, exatamente como uma fala da Paulina Chiziane que circula pelas redes sociais: *Sou mulher e preta. Então tudo que faço tem que ter erros. Se não tiver arranjam.*

Agradeço de todo o coração aos companheiros de luta que me ajudaram nessa caminhada na universidade: INTEGRAR, GESTUS, INAP, Coletivo 4P, MNU/SC. Um salve especial para Kleicer Rocha, Mariana Lange, Ticiane Caldas, Fátima Ferreira. Estamos lançando desafios, eu sempre serei grata a vocês, que já estão na minha vida acadêmica e de luta há um bom tempo. Obrigada, Raquel Mombelli. As minha irmãs de luta Maria de Lourdes Mina e Vanda Pinedo – que força tem essas duas! A minha queridíssima Debora Freire, quanto tempo juntas!

As mulheres negras da GESTUS, do Integrar: vocês são a diferença, vocês! E é por vocês, por nós, que eu sangrei os meus dedos.

RESUMO

O objetivo deste trabalho de pesquisa é reconhecer e compreender a retomada escolar das mulheres negras oriundas do Projeto de Educação Comunitária Integrar (INTEGRAR) e que participam da Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS) na cidade de Florianópolis, entre os anos de 2012 a 2017. Trata-se de averiguar as motivações que as levaram regressar aos bancos escolares e suas disposições e condições em permanecerem em cursos superiores. Para tal, foi necessário delimitar seus territórios de vivências e traçar o percurso escolar, compreendendo as relações de trabalho, raciais e de gênero como referências das trajetórias dessas mulheres. A metodologia pautou-se na pesquisa bibliográfica, centrada em leituras de autores e autoras preferencialmente negras das áreas de educação popular, relações étnico-raciais e literatura. Em um segundo momento, a análise quali-quantitativa permitiu o levantamento da situação destas mulheres negras e estudantes no processo de educação. O repertório conceitual foi desenvolvido, preferencialmente, por autoras negras, como Nilma Lino Gomes, 2017; Angela Davis, 2016; Bell Hooks, 2013; Maria Carolina de Jesus, 1995 e Conceição Evaristo, 2016. Buscou-se verificar o papel das práticas de educação popular no empoderamento destas mulheres negras.

Palavras-chave: empoderamento de mulheres negras, educação popular, movimento político negro.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO.....	14
1. PROJETOS DE ACESSO ÀS UNIVERSIDADES.....	16
2. O PROJETO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA INTEGRAR E O SEU DIFERENCIAL: A GESTÃO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIA INTEGRAR (GESTUS).....	23
2.1 A Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS): quando permanecer é um direito.....	29
3. MULHERES NEGRAS COM LIVROS NAS MÃOS.....	35
3.1 O Projeto Integrar adentra a comunidade.....	35
3.2 A chegada das mulheres na GESTUS.....	41
4. AS NARRATIVAS DAS MULHERES NEGRAS ESTUDANTES DA GESTUS...42	
4.1 O lixo vai falar.....	46
4.2 Escolarização.....	47
4.3. O curso superior como ascensão econômica e social.....	50
4.4. Discussão racial e de gênero.....	54
4.5. Reconhecimento do Integrar e da GESTUS.....	56
4.6. A condição presente e as perspectivas de futuro.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	
APÊNDICES	
ANEXOS	

APRESENTAÇÃO: Entre a pesquisa e a escrevivência

O objetivo deste trabalho de pesquisa é analisar o processo de educação como instrumento de empoderamento das mulheres negras e trabalhadoras/estudantes, organizadas na Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS) e estudantes do Projeto de Educação Comunitária Integrar. É necessário reconhecer que em nossa sociedade há incontáveis histórias de mulheres negras que na sua infância enfrentam inúmeras dificuldades, que as levam a viver em um mundo sem perspectivas educacionais, econômicas e sociais. A saber, a sociedade brasileira foi construída por meio do trabalho escravo durante um longo período, o processo pós abolição constituiu no imaginário da sociedade brasileira o mito da democracia racial. Deste modo, impossibilitando as mulheres negras de movimentar-se, dadas as condições que eram somente viabilizadas pelo trabalho que transitou entre ser escrava, mucamba, ama-de-leite e posteriormente mulata (GONZALEZ, 1980).

Esse tipo de atrelamento à imagem da mulher negra prospectou símbolos estigmatizantes e de sexualização dos corpos negros. É neste contexto de mundo, no qual nós mulheres negras somos lançadas e sobrevivemos, que a escrevivência de Evaristo (2016) aponta para o mergulho nas subjetividades negras, aquele lugar que não é confortável, mas é necessário; é dor, mas também amor. A escrevivência traz à tona memórias e dá condição à voz, faz emergir a realidade dessas sujeitas na sociedade – sejam estes lugares de subalternidades ou espaços de fortalecimento – e direciona para este não lugar da população negra (MAGALHÃES, 2014).

Consigno lembrar daquela garota negra que desejava ser aquilo que não era, de ter outra vida, oportunidades, outra família, outro cabelo. O desejo era ser diferente da realidade vivida. Ao afirmar essa história, apresento a face mais sórdida da história do Brasil: a escravidão.

Os intelectuais racistas do fim do século XIX e começo do XX estimavam que em torno de 2015 o Brasil estaria livre da “mancha negra”. Sobrevivemos à escravidão, temos sobrevivido à exclusão, sobrevivemos aos períodos genocídios. Somos “uma pretalhada inextinguível” como disse, em desespero, Monteiro Lobato. Viveremos. (CARNEIRO, 2011, p. 85)

Como coloca Carneiro (2011), esta parte da história brasileira deixou marcas profundas na população negra desse país. Estes quase quatro séculos de escravidão não

foram suficientes para que sociedade contemporânea brasileira entendesse que negros e negras ainda sofrem o racismo. Para Fanon (2008, p. 190) o racismo causa danos físicos e psíquicos irreparáveis: “A desgraça do homem de cor é ter sido escravizado”.

Esse movimento estrutural¹ de desumanização, apagamento, invisibilidade, emudecimento, esquecimento e genocídio, consolida um projeto político de sociedade no qual pessoas negras não são aceitas como sujeitas de produção intelectual. Um exemplo é a escritora negra, Maria Carolina de Jesus, que teve durante anos seus registros desconsiderados pela academia brasileira, sendo negada intelectualmente. No entanto, sua literatura traz a trajetória do povo negro e suas realidades, como podemos ver neste relato que segue:

Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as *agruras da vida somos uns infelizes perambulando* aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior. (JESUS, 1995, p. 157, grifo meu)

É necessário perceber que lutar contra um sistema que utilizou a estrutura escravagista é, de algum modo, tentar a inversão da pirâmide que coloca a população negra na sua base. Ali estão principalmente as mulheres negras, pois a desigualdade social e racial insiste em tombá-las a todo tempo; são as mulheres negras as maiores vítimas da violência² do esquecimento e do silenciamento. É necessário romper com as correntes que ainda assolam milhares de mulheres negras nesse país. É preciso contar as histórias de luta e principalmente de superação destas sujeitas.

No contingente de uma população de quase 54% negros³ no Brasil, retomo meu processo de formação na Educação de Jovens e Adultos (EJA), quando ainda era

¹ Ler mais em: OLIVEIRA; CARVALHO. **A DESIGUALDADE RACIAL DO BRASIL: O RACISMO ESTRUTURAL E O DETERMINISMO** Revista Jurídica Direito, Sociedade e Justiça/RJDSJ, v. 5, n. 1, Nov-Dez/2017, p. 228/230

² Ver mais em: Panorama da violência contra as mulheres no Brasil [recurso eletrônico]: indicadores nacionais e estaduais. -- N. 1 (2016) Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher contra a Violência, 2016. Disponível em < www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR.pdf > acesso em 18 de julho de 2018.

³ Segundo a PNAD 2015, a razão de sexo foi de 94,3 homens para cada 100,0 mulheres no Brasil, sendo que a composição da população por sexo foi de 51,5% de mulheres e 48,5% de homens. Disponível em < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf> > acesso em 30 de maio 2018. No País, em 2015, mais da metade (53,9%) das pessoas se declaravam de cor ou raça preta ou parda, enquanto o percentual das que se declaravam brancas foi de 45,2%. [...] A proporção de pessoas que declararam cor ou raça preta ou parda foi ligeiramente maior para os homens (55,2%) do que entre as

trabalhadora do comércio em uma rede de supermercados da grande Florianópolis, no qual fui condicionada a buscar o término do ensino médio sob a alegação de promoção na carreira. Durante toda a trajetória do ensino médio (EJA), acreditei que eu, mulher negra da periferia, mãe de dois filhos poderia ter a possibilidade de estar nesse lugar e alcançaria o status dentro da empresa, assim como a elevação dos meus rendimentos (salário). No entanto, fui preterida e fadada ao engano: a empresa na qual eu depus todo o meu empenho não garantiu a promoção tão almejada, pois mais uma vez a estrutura social, racista e sexista, se impôs à possibilidade de acessão social de uma mulher negra.

Essa é uma parte da minha história como mulher negra. Diferente de uma maioria, que continuou suas jornadas no mundo do trabalho, optei por entrar na universidade para fazer uma caminhada acadêmica como graduanda cotista racial, no curso noturno de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Levei exatamente vinte anos para ingressar em uma universidade pública – e não tenhamos dúvidas: sempre almejei, e muitas outras mulheres negras também desejaram e ainda desejam estar onde estou, mas nas vidas negras, sobreviver é prioridade, e eu tive que sobreviver.

Por conta destes obstáculos muitas mulheres negras não puderam ou não tiveram a oportunidade de acessar a educação, sendo assim, somente uma pequena parcela dessas histórias culmina na entrada na universidade⁴. Isso me motiva a pesquisar sobre esta realidade das mulheres negras, pois suas vivências necessitam ter o status de ciência dentro da academia e na sociedade.

mulheres (52,7%). Disponível em < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf> > acesso em 30 de maio 2018

⁴[..]A adequação dessa faixa etária ao ensino superior ainda é bastante desigual dependendo das características de cor ou raça. O total de pessoas de cor preta ou parda dessa faixa etária que cursavam o ensino superior, em 2015, era de 12,8%. Esse percentual representa um crescimento significativo em relação a 2005 (7,3% pontos percentuais), mas ainda ficou abaixo do percentual alcançado pelos jovens estudantes brancos 10 anos antes (17,8%) (Gráfico 4.7). Um dos fatores responsáveis por agravar a desigualdade de cor ou raça no acesso ao ensino superior é o atraso escolar, o qual afeta mais os estudantes pretos ou pardos em comparação com os estudantes brancos.[...] Disponível em < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf> > acesso em 30 de maio 2018

Nos últimos anos, a participação das mulheres negras no ingresso ao ensino superior tem crescido. Esta situação leva a problematizar como vem se realizando este crescimento. O ingresso de negros e pobres no ensino superior foi, ao longo dos dez últimos anos, em certa medida, promovido por ações das próprias IES ou do Estado (AAs e ProUni).¹⁷ O crescimento, assim, atesta a efetividade e a necessidade de continuação destas medidas, visando à contínua diminuição, e até à superação, das desigualdades no acesso e na permanência no ensino superior. Disponível em < [dossie_mulheres_negrasipea.pdf](#) > acesso em: 25 de junho de 2018.

INTRODUÇÃO

O esforço diário de mulheres negras para dar conta do mundo dos estudos resulta em muitas inquietações. Nesse sentido, por meio desta pesquisa pretende-se analisar o retorno das mulheres negras aos bancos escolares por meio do Projeto de Educação Comunitária Integrar (INTEGRAR). E, organizadas na Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS), busca-se compreender os encontros e as trajetórias que estas mulheres negras desenvolveram ao longo da sua existência escolar, do retorno aos bancos escolares, o acesso à universidade e a permanência.

Um dos pontos a serem analisados é a descrição das narrativas destas mulheres negras e as subjetividades que envolvem estas experiências, dando voz a essas sujeitas. Desta maneira, compreende-se que o levantamento bibliográfico que aborda as discussões explicitadas na apresentação supracitada objetiva apreender o ponto de vista da educação étnico-racial e o acesso destas mulheres negras à universidade. Utilizo como método a articulação desta bibliografia e da narrativa, tendo como horizonte as vivências escolares destas mulheres negras, seus respectivos processos de empoderamento feminino, buscando compreendê-las como sujeitas que transformam a história e que as tornam conscientes da importância da sua representatividade, tanto no que tange a individualidade, quanto a coletividade.

Assim, conhecer as mulheres negras, compreendendo as subjetividades a partir das suas vivências, oportunizará imaginarmos outra sociedade. Tais processos são analisados por meio do método de pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa, visto que busca identificar o perfil das estudantes negras da GESTUS, a fim de estabelecer relações entre a trajetória e as conquistas dessas mulheres negras, que desafiam a estrutura acadêmica todos os dias em nome de uma emancipação negra e feminina.

Procurou-se compreender, por meio da pesquisa quantitativa, as razões que levaram estas mulheres a voltarem aos bancos escolares. Para tanto, será realizada uma entrevista semiestruturada, traçando o perfil destas estudantes negras, como situação econômica, residência e idade. No campo da base qualitativa das entrevistas foram elaboradas questões tais como: “*O que lhe motivou a procurar um pré-vestibular popular?*”, “*Você já tinha participado da discussão racial antes de entrar no Integrar?*”, dentre outras.

A problematização destas narrativas está centrada no repertório teórico produzido por mulheres negras, tais como: Angela Davis (2016), que busca compreender as relações das mulheres negras vítimas da escravidão nos EUA; em Bell Hooks (2013), que considera a prática de ensino humanizada como um conjunto de experiências de uma sala de aula que constrange, mas também liberta, sendo a educação um recurso para o engajamento, um espaço colaborativo; Maria Carolina de Jesus (1995), que em seus escritos nos presenteia com o olhar de mulher negra, periférica e catadora de lixo em um território específico, contando a histórias a partir do seu olhar e apresentando a luta de resistência pela escrita; Conceição Evaristo (2016), cujos escritos buscam fortalecer as representações de mulheres negras que contam suas histórias, as escrevivências, e, assim, corrobora para a reflexão sobre a vida e sobre as representações das mulheres negras na sociedade; Nilma Lino Gomes (2017) que discute as práticas de educação popular na perspectiva étnico-racial, expondo as produções e as sistematizações dos Movimentos Negros e de Mulheres Negras que se rebelam contra uma educação colonial, que lutam para dar voz e visibilidade para às sujeitas, rompendo com o eurocentrismo⁵; e Sueli Carneiro⁶ (2011), que debate as práticas que são criadas pelo racismo, apontando a urgência no debate da discriminação racial.

No primeiro capítulo, *Projetos de acesso às universidades*, é feita uma breve abordagem da gênese dos pré-vestibulares no Brasil, uma sucinta análise de três projetos de acesso às instituições de ensino superior: Pré- Universitário Popular Alternativa, Gauss Pré- Vestibular e o Pré-Vestibular para Negros e Carentes, de modo a compará-los ao Projeto Integrar, considerando suas semelhanças e suas diferenças. Assim, são apresentados os critérios de escolha para que esses Cursos Pré-Vestibulares populares estejam presentes, bem como possibilita-se a discussão sobre o papel e a função da universidade.

No subcapítulo 1.2, *O Projeto de Educação Comunitária Integrar (INTEGRAR) e o seu diferencial: a Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS)*, discorro acerca do histórico do INTEGRAR, tanto como movimento de educação popular, que propicia a organização dos estudantes, quanto visando uma educação na qual o sujeito

⁵ Buscar em: BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, história e história da África. Sankofa. São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 2008.

⁶ Vale destacar que Sueli Carneiro é fundadora do Geledés (<https://www.geledes.org.br>) e seus escritos trazem críticas e reflexões necessárias a sociedade brasileira como, sexismo e a desigualdade no Brasil.

tem a oportunidade de refletir os modelos de educação, buscando um horizonte de uma educação representativa pautada nos eixos temáticos étnico racial, gênero e contextualizando os demais temas. E no 1.2.1 trago a trajetória da *GESTÃO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIA INTEGRAR* enquanto um movimento que problematiza, discute e busca mecanismos de continuidade dos estudantes da GESTUS, oriundo do Integrar, dentro das universidades, sejam elas, federais, estaduais ou municipais, por meio de políticas de permanência e de outros dispositivos (re)criados pelo grupo. A intenção dessa apresentação é colocar a possibilidade que este e outros pré-vestibulares podem pensar para que acompanhem do pré-vestibular à permanência na universidade por meio da mobilização coletiva.

Mulheres negras com os livros nas mãos é o terceiro capítulo que tem por objetivo descrever e analisar a trajetória das mulheres negras organizadas no coletivo GESTUS, explicitando de que forma estas mulheres se apropriam da política étnico-racial de inserção do Projeto Integrar.

O quarto capítulo, *As narrativas das mulheres negras*, expõe as vivências das mulheres negras, considerando as narrativas das estudantes universitárias participantes da GESTUS. Foi realizada a análise do ponto de vista destas mulheres negras e as variáveis da ascensão social, sob o foco do empoderamento feminino e negro.

A trajetória metodológica desta pesquisa inclui a relação entre a expectativa teórica e os resultados obtidos, tanto na revisão bibliográfica, como com relação aos dados da pesquisa de campo acerca do cotidiano destas estudantes, na caminhada como mulheres negras no percurso do Curso pré-vestibular Integrar e atualmente organizadas na Gestão Estudantil Universitária Integrar.

1. PROJETOS DE ACESSO ÀS UNIVERSIDADES

Literaturas apontam que as universidades surgiram no Brasil com um único objetivo: acatar os interesses da burguesia, ou seja, formar uma elite brasileira tinha como finalidade dar seguimento à política industrial.

[...] a partir da chegada da família real, em 1808, que se permitiu a criação das primeiras instituições de ensino superior, as quais adotaram um cunho exclusivamente profissionalizante, ligada às áreas da Medicina, Engenharia e Direito. As mesmas foram instaladas em

metrópoles economicamente mais importantes da época. (BENINCÁ, 2011, p. 32-33)

Segundo Bonaldi (2015), a concorrência pela entrada no Ensino superior incentivou “as iniciativas de curso pré-vestibular privadas”. Conforme o trecho abaixo,

O processo de industrialização e urbanização, acelerado a partir da década de 1950, expandiu a demanda por Ensino Superior às camadas médias urbanas que vêm a encontrar, porém, uma situação de oferta limitada de vagas neste nível de ensino, raiz da chamada “crise de excedentes” nos anos de 1960. [...] Não obstante, o contingente de estudantes aptos à inserção universitária passou a exceder largamente o número de vagas ofertadas pelo sistema, engendrando o aguçamento contínuo da concorrência pela entrada no Ensino Superior, especialmente nas instituições e nos cursos depositários de maior prestígio e de melhores expectativas de retorno materiais. (BONALDI, 2015, p. 14)

Já na década de 1960 acredita-se que é possível questionar o capitalismo por meio do socialismo, logo, nos anos 1970 os movimentos sociais e os movimentos sindicais surgem com grande força. Porém, é em 1980 que os movimentos sociais populares (BENINCÁ, 2011; GOHN, 1994) atuam para popularizar as universidades, para que as/os filhas/os dos trabalhadores sejam inseridos nas universidades, tornando esta uma pauta importante para a mudança social que conjuntura social brasileira da época apresentava. Era vez e hora das classes menos favorecidas ocuparem esse lugar de produção de conhecimento, era preciso democratizar o conhecimento para se compreender a realidade, “[...] somar forças no enfrentamento de concepções colonialistas de educação que ainda persistem *que fazem tabula* dos saberes e dos valores populares” (BENINCÁ, 2011, p. 50).

Ao procurar democratizar os conhecimentos, uma das demandas dos movimentos sociais foi pela cidadania e pela educação popular, pois compreende-se que:

[...] a maior fonte de expressão deste tipo de demanda não foi o sistema escolar formal, mas as chamadas organizações não-formais de educação: a participação nos clubes de mães da periferia, em lutas e movimentos sociais organizados em torno de bens, equipamentos e serviços públicos e pela moradia e acesso à terra. (GOHN. 1994, p. 64).

O surgimento “*dos cursos pré-vestibulares (PVP) ou também chamados comunitários*” aconteceu, segundo Zago (2008, p. 150), *nesse contexto contraditório de*

sistema educacional, com profundas desigualdades no que diz respeito ao acesso ao ensino superior. Como já informado acima, a tentativa de superar as desigualdades sociais se consolida na década de 1990.

E foi procurando apresentar essas formas de arranjos, tão distintas no seu funcionamento, que trago para conhecimento quatro experiências, com propostas de oportunizar a entrada de uma parcela mais vulnerável social e educacionalmente.

Começo apresentando minhas leituras acerca do Pré-Universitário Popular Alternativa, do Rio Grande do Sul, do Pré-Vestibular Gauss, de Santa Catarina, e do Pré-Vestibular para Negros Carentes (PVNC) do Rio de Janeiro. Essas leituras possibilitaram estabelecer algumas relações e contrapontos com o Projeto de Educação Comunitária Integrar (Florianópolis/SC).

Uma das relações possíveis de perceber é que todos os projetos iniciaram suas jornadas focados em possibilitar, preferencialmente aos estudantes de escola públicas, a inserção destes sujeitos nas universidades, como é o caso do PVNC. Todavia, a forma e/ou método com que cada um desses projetos trabalha se diferencia em algum ponto.

O Alternativa⁷, por exemplo, é um Pré-Vestibular vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) como um Projeto de Extensão. Surge no ano 2000 como iniciativa de estudantes ligados ao Movimento Estudantil e de cursos do Centro de Ciências Rurais, sendo esses de graduação, pós-graduação e outros setores da universidade. Os idealizadores eram a coordenação no início do projeto.

Em 2007, com espaço dentro da UFSM, o Alternativa passa a atuar no Centro de Ciências Sociais e Humanas com 150 vagas divididas em 4 turmas de extensivo, com atividades de segunda a sábado e com um orçamento anual aprovado pela Pró-reitora de Extensão, com oito bolsas de extensão distribuídas entre a coordenação executiva, a coordenação de subprojetos, transporte estudantil para os educadores e material de divulgação e didáticos, estes impressos na gráfica da UFSM. Sendo o Curso pré-vestibular Alternativa um projeto ligado à extensão da universidade, era permitido “cobrar” das suas professoras/es uma maior participação na atividades do projeto, pois o não cumprimento de alguns pontos de seu estatuto impedia o recebimento do certificado de participação ou o subsídio para a passagem de ônibus.⁸

⁷ Disponível em: < <http://coral.ufsm.br/alternativa/index.php> > acesso em: 10 de março 2018

⁸ Buscar estatuto em: GOMES, Tatiane Fernanda. Pré-Universitário Popular Alternativa: Formação Inicial para a docência entre a educação formal e não formal. 148 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós- Graduação em Mestrado Profissional em Educação – PPGPE, Erechim, RS, 2017.

O Curso pré-vestibular Alternativa pretende se colocar como espaço de vivência e de construção de conhecimento que, ao assumir um compromisso integral com os sujeitos, ultrapassa a ideia de um curso preparatório para provas de seleção. Nesse sentido, é importante situar os educadores como elementos fundamentais nesse processo. (GOMES, 2016, p. 27)

Com relação ao perfil das turmas, um dos quesitos faz convergir o Integrar, o Curso Alternativa, o curso Gauss e o curso PVNC, pois todos esses possuem vagas voltadas para quem já concluiu o ensino médio ou está concluindo. No processo de seleção é necessária a apresentação de documentos que comprovem a renda e a residência, sendo que os/as candidatas passam por uma entrevista para análise sobre o interesse de cursar o pré-vestibular. Além disso, o comparecimento é primordial para a continuidade do estudante no projeto.

Contudo, os quesitos de seleção que o Pré-Vestibular Gauss⁹ – dentro do Programa Educação Tutorial, que sofreu mudanças no perfil da sua coordenação, desde 2003, transitando entre o PET da História, Letras e atualmente está a cargo do PET da Matemática –, têm como um dos mecanismos de entrada, já como primeira etapa de seleção, o preenchimento de um questionário com dados pessoais e as notas do último ano, já que as/os selecionadas/os são estudantes do ensino médio das escolas públicas, não importando a questão econômica do seu perfil. As outras etapas consistem em produzir um texto onde o candidato à vaga disserte sobre o porquê merece a vaga, e na etapa final é aplicada a Prova Brasil¹⁰.

Entre 2013 e 2015 o curso Gauss selecionou os primeiros quarentas estudantes que obtiveram as melhores notas na prova de seleção. Os que não alcançaram as médias ficaram na lista de espera, compreendendo que a evasão acontece. É possível perceber que o quesito meritocracia nesse Pré-vestibular funciona como mecanismo de entrada, ao se aplicar um prova de seleção.

Historicamente o Pré-Vestibular Gauss, como já descrito acima, inicia seu percurso no Programa de Educação Tutorial (PET), no curso de História, em 2005, e

⁹ Sendo fiel às raízes do curso ao qual pertencia, o pré-vestibular foi nomeado de Gauss, fazendo menção a Carl Frederich Gauss, matemático que ficou conhecido como o “príncipe da matemática” (LOPES, 2015, p. 27)

¹⁰ “São avaliações para diagnóstico, em larga escala com objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. As questões de língua portuguesa, com foco em leitura, e matemática, com foco na resolução de problemas”. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>>, acesso em: 10 de março de 2018.

tem passagem por vários cursos. Seu público alvo é “prioritariamente estudantes de escolas públicas de Florianópolis, mesmo que em pequenas proporções” (LOPES, 2015, p. 22), ou seja, sua primeira turma formavam apenas 30 estudantes, nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina. Tinha como objetivo, além de atingir as metas do Programa Educação Tutorial, o de promover o ingresso de estudantes de escolas públicas nas universidades públicas e estimular a docência para estudantes de licenciaturas da Universidade Federal de Santa Catarina, a qual visava a promoção de oportunidades e o incentivo à docência.

O Pré-vestibular Gauss é um modelo atividade de extensão que possui o caráter de um curso preparatório para o ingresso no ensino superior, de modo voluntário e gratuito que visa a promoção de oportunidade de inclusão de alunos de escolas públicas à universidades públicas, não havendo até aqui, consideráveis mudanças em relação a gestão anterior do pré-vestibular. Além de objetivar o incentivo a prática da docência para estudantes graduandos em licenciaturas, prioritariamente, e pós-graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina, trabalhando com o lema de o projeto ser uma via de mão dupla, isto é, terá que ser satisfatório para os alunos assim como para os professores. (LOPES, 2015, p. 27).

Este possui uma parceira para garantir o material didático, com apostilas fornecidas pelo Pré-vestibular Pró-Universidade¹¹ e do PET de Matemática, porém, os professores elaboram materiais para o aprofundamento dos temas, enviando por e-mails aos estudantes ou entregando fotocópias em sala de aula.

Os Pré-Vestibulares Gauss e Alternativa possuem suporte estrutural porque estão ligados a projetos de extensão das suas respectivas universidades (UFSC e UFSM), o que oferece “certa estabilidade”. Já para o Projeto Integrar o espaço para lecionar foi, durante anos – e ainda hoje é –, uma incógnita, pois, ao findar o ano letivo, a coordenação, por ser autônoma e contar somente com o apoio de um sindicato, tendo um corpo docente voluntário, está diante de um cenário de insegurança e incerteza.

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes tem como um dos seus recortes o racial, sendo esse um movimento social de educação popular para oportunizar que estudantes negros e periféricos possam ingressar na educação superior. O PVNC, segundo a tese de Gomes (2015), é um dos desdobramentos das estratégias de luta dos movimentos negros da década de 1980 e 1990. Ou seja, é a oportunidade da população

¹¹ Disponível em: < <https://prouniversidade.com.br/floripa/> > acesso em: 13 de abril de 2018.

negra tentar, por meio da educação, construir suas próprias lideranças para atuar na luta antirracista em várias esferas sociais.

Porém, já em 1975 há registros de um pré-vestibular para negros no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. No histórico do pré-vestibular constam como seus primeiros coordenadores: Frei David Raimundo dos Santos, Antônio Dourado, Luciano Santana Dias e Alexandre Nascimento. Encontrava-se nas bases da igreja católica, na Matriz da Baixada Fluminense em São João do Meriti.

Através dessas inquietações, os PVNCs surgem com o objetivo, num primeiro momento, de dialogar e refletir sobre a população negra e trabalhadora, oriunda de escolas públicas, para, posteriormente, mostrar a importância de ingresso num curso superior, até então distante da realidade de grande parte desses alunos, a priori, moradores da Baixada Fluminense. (GOMES, 2015, p. 18).

Diferentemente dos outros Pré-Vestibulares, o curso PVNC traz um histórico de luta de combate ao racismo, entendendo que a educação é uma das alternativas de mudança na vida daqueles que vivem as margens de uma sociedade onde se mascara a segregação. É nesse contexto que o mesmo trabalha com conteúdo formais (igualmente a todos outros projetos apresentados), mas também com temáticas ligadas à cidadania, para que temas como as políticas de cotas sejam amplamente discutidos e compreendidos por aqueles que historicamente tiveram negados os direitos à educação.

Vale lembrar aqui que o Integrar, surgido em agosto de 2011, começa a pensar o perfil dos seus estudantes em 2014, iniciando, assim, uma discussão e a implementação das cotas raciais na seleção, não mais sendo somente o cadastro socioeconômico o mecanismo de entrada no projeto.

A ação dos pré-vestibulares comunitários tem uma proposta direta no sentido de possibilitar uma maior igualdade social, constituir espaços mais diversificados e principalmente ampliar a representatividade de grupos sociais que vivem em condições de desigualdade social. Sendo assim, a perspectiva de inclusão de estudantes negros, pobres, indígenas em cursos universitários possibilita uma maior mobilidade social destes grupos que, historicamente, representam ainda uma pequena parcela do quantitativo total de alunos. (GOMES, 2015, p. 19)

É compreensível que o curso PVNC tenha a concepção de luta pela educação popular, considerando possuir suas bases no movimento de luta popular na década de

1980. Observa-se que projetos como o Integrar incorporam na sua metodologia educacional esses históricos de lutas por uma educação inclusiva principalmente no primeiro momento da sua criação para trabalhadores e, depois, sucessivamente, incorporem outros segmentos de lutas, a exemplo das questões raciais e de gênero.

A libertação das amarras só é possível através de uma educação revolucionária e que esta educação revolucionária em muitas das vezes não vêm das universidades nem dos bancos das escolas, ela se faz nos movimentos de educação popular, buscando a luta política nas bases de uma sociedade. (GOMES, 2015, p. 34)

Ao longo dos anos o Projeto de Educação Comunitária Integrar percebeu que as salas de aulas eram muito homogêneas, se fazia necessário promover a inclusão de pessoas negras, LGBT, imigrantes, população em situação de ruas; era necessário oportunizar verdadeiramente uma abertura real à diversidade. Nessa trajetória é que o Projeto Integrar inclui entre seus objetivos, segundo Rocha (2016), uma educação engajada, consciente e de qualidade, com a pedagogia pautada no marco da Educação Popular.

Podemos observar que todos os projetos caminham na direção de três dos quatro eixos que o Integrar propõe, a saber: acesso, formação e prática pedagógica, pensando que o corpo docente nestes eixos citados são o maior “beneficiado”, por ter a possibilidade de iniciar sua caminhada docente e poder vivenciar tudo aquilo que aprenderam dentro da universidade, sendo um campo rico de possibilidades metodológicas e pedagógicas. O eixo permanência é o que se destaca, o qual os outros pré-vestibulares não apresentam.

No que tange as lutas dos movimentos sociais em busca da emancipação dos sujeitos, dar acesso é um passo importante para oportunidade de concretizar, por meio da permanência, a garantia de que mais trabalhadores, negros, LGBT, imigrantes, populações em situação de rua para que possam atuar não somente nos bancos universitários, mas também em outros espaços de luta, em prol de um outro projeto de sociedade.

No que se refere às cotas raciais dentro do Projeto Integrar, as professoras demandaram o tema em uma das reuniões mensais, compreendendo que esse seria um dos perfis que teriam mais dificuldades de acessar a universidade. Considerando que o Integrar visa possibilitar a inclusão de trabalhadores estudantes, a implementação das

Ações Afirmativas contribuiria para o fortalecimento da discussão e da implementação desta política para a inclusão da população negra.

No caso da população negra, a luta explícita pelas cotas no vestibular, iniciada em 1999, com a instalação do debate na Universidade de Brasília, entre outros, tem gerado uma discussão pública, uma visibilidade midiática e uma mobilização social de setores do Movimento Negro praticamente sem precedentes na história brasileira. (SCHERER-WARREN; SANTO, 2014, p. 122)

Bem como colocam as autoras SCHERER-WARREN e SANTO (2014), a contribuição do debate de cotas nas universidades proporcionou o seguinte questionamento para a gestão do Integrar e para a Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS): Por que os/as estudantes negros/as do Maciço do Morro da Cruz, um território historicamente negro, não participavam do projeto? Essa discussão permitiu a expansão do projeto para a comunidade do Monte Serrat e Morro do Mocotó, Queimada e entorno.

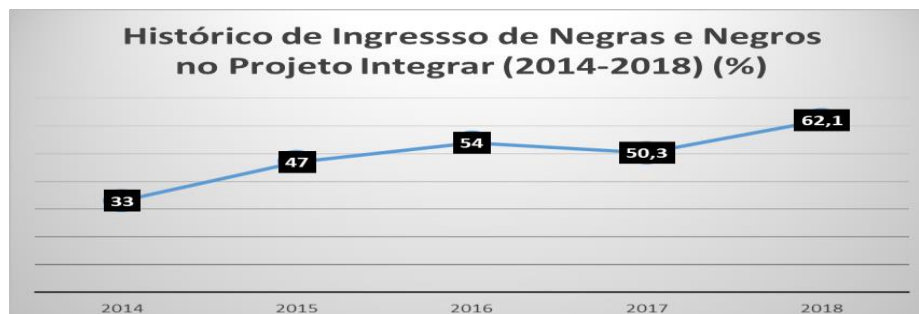
A efetivação desse movimento se deu por meio da articulação da GESTUS com a direção da Escola Educação Básica Jurema Cavallazzi, o Projeto Integrar, o Movimento negro Unificado (MNU/SC), a liderança da comunidade da Queimada Ana Cristina Bittencourt e a Rede Comunitária da José Mendes. Após o processo de discussão e implementação das cotas, é possível visualmente identificar os corpos negros dentro de sala de aula, bem como compreender que “[...] um dos determinantes da apropriação desigual das oportunidades econômicas e educacionais está relacionado com a segregação geográfica da população branca e não branca [...]” (GONZALEZ e HASENBALG, 1982, p. 91).

A demanda acerca da discussão étnico-racial ganha força em 2013, quando o projeto Integrar decide implementar as Políticas de Ações Afirmativas, para o processo de 2014, como podemos visualizar no Gráfico 01¹², abaixo: em 2014 tivemos 33%, no ano de 2015 esse número saltou 47%, 54% em 2016, ano em que houve um investimento em divulgação nos territórios com ajuda das representações comunitárias e movimentos sociais (MNU/SC, principalmente), em 2017 foram 50,3%, e em 2018 esse número foi para 62,1%. É possível compreender que essa mobilização para que a

¹² Os dados de 2014 e 2015 foram retirados do trabalho de mestrado do Professor Kleicer Rocha, auxiliando na filtragem cor/raça, e dois outros anos foram elaborados por mim, a partir dos dados fornecidos pela coordenação do Integrar.

divulgação e as inscrições que se dessem de várias formas contribuiu para o crescente número da presença da população negra.

Gráfico 01 – Histórico de Ingresso de Negras e Negros no Projeto Integrar (2014-2018)



Fonte: Dados compilados pela autora, 2018.

Neste sentido, é possível ver a partir deste momento os corpos negros ocupando os espaços educativos do Projeto e, assim, vem à tona a importância de falar para esses negros e negras sobre o processo de exclusão dos seus pares, assim como para a toda a classe da sala de aula não negra. Com o passar do tempo foi notório o fortalecimento e o crescimento da discussão étnico racial, pela representação dentro do Projeto Integrar, que em 2016 marca as salas de aulas com estudantes negras e negros acima de 50% – tanto para o corpo docente como para as e os estudantes.

Assim como coloca Munanga, a situação do negro em nosso país é de dificuldades, mas também resistência.

O negro foi reduzido, humilhado e desumanizado desde o início, em todos os cantos em que houve confronto de culturas, numa relação de forças (escravidão x colonização), no continente africano e nas Américas, nos campos e nas cidades, nas plantações e nas metrópoles. Essa redução visava a sua alienação, a fim de denomina-lo e explorá-lo com maior eficácia. (MUNANGA, 2012, p. 43)

O debate acerca do que é ser negro, cotas raciais e as políticas de ações afirmativas são de suma importância para que se compreenda o véu que cobre a construção social e política quanto às questões racial e de gênero no Brasil, bem como compreender como todos aqueles lugares que tiveram a mazela da escravidão.

Ao trazer à luz os pré-vestibulares e as suas ações diante do quadro de exclusão que ainda hoje persiste, apresento o Projeto de Educação Comunitária Integrar como um projeto que vem trabalhando para promover a expansão da educação no âmbito do

Ensino Superior, acreditando em uma educação democrática para o fortalecimento do cidadão.

2. PROJETO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA INTEGRAR E O SEU DIFERENCIAL: A GESTÃO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIA INTEGRAR (GESTUS)

Criado em agosto de 2011, o Projeto de Educação Comunitária Integrar é uma iniciativa de professores/as que participavam desde 2005 do Pré-vestibular Comunitário (PVC), mas que foram desligados/as do projeto pelos administradores, por discordarem das questões administrativas que, no entendimento desse grupo, não eram tomadas de modo democrático, assim como as questões pedagógicas, que não tinham como marco principal a Educação Popular. Sendo assim, 24 professores construíram o Projeto de Educação Comunitária Integrar, um projeto de pré-vestibular popular articulado por professores e professoras, e estudantes, todas e todos voluntários e voluntárias¹³.

Na sua composição o Projeto Integrar determinou como objetivo uma “educação engajada, consciente e de qualidade. Incluir é educar, e este é o nosso prazer como educadores” (INTEGRAR, 2011, p. 1, *apud* ROCHA, 2016, p. 118). Esse objetivo visava a inclusão dos/das trabalhadores/as estudantes. Em 2011 o Projeto Integrar atendia na Escola de Educação Básica Henrique Stodiek (EEBPHS), situada no centro de Florianópolis, com a composição de 2 turmas – uma de extensivo e outras duas de semiextensivo.

As disciplinas que compunham a grade curricular do Integrar em 2011 eram cobradas nos concursos de vestibulares da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), ou seja: Redação, Inglês, Espanhol, Literatura, Gramática, Física, Química, Matemática, Biologia, História, Geografia. Os docentes trabalhavam de forma disciplinar¹⁴. Não ocorria uma

¹³ Os professores, professoras e a monitora que iniciaram o processo histórico do Projeto Integrar foram: Amanda Chraim (Redação), Graziela Maziero Pinheiro Bini (Geografia), Guilherme Ramos Ribeiro (Geografia), André Ogawa (História), Kika Uemura (História), Luciana Freitas (monitora/Ciências Sociais), Kleicer Cardoso Rocha (Geografia), Thiago Leandro de Souza (História), Alan Carlos Ghedini (História), Marlon Cardeiro (Química), Bruna Voltolini (Química), Alexandre Bertamoni Basso (Biologia), Bianca Romeu (Biologia), Monike Bley (Matemática), Luís Henrique da Silva (Matemática), Elis Amaral Rosa (Biologia), Bruno Henrique Nichel (História), Juliana Freitas (História), Renato Morais Araújo (Biologia), Antônio Martins (Física), Jonas Miguel (Química), Susanna dos Santos Luz (Espanhol), Nazareno Correa (Matemática), Audrey Cristina (Física).

¹⁴ O Projeto seguia o modelo dos cursinhos tradicionais.

conversa entre os conteúdos, e é importante ressaltar que não havia a disciplina de Ciências Sociais/Sociologia.

Com a construção da matriz curricular desenvolvida pelo ENEM, a partir de áreas do conhecimento, o Projeto Integrar incluiu nas Ciências Humanas os conhecimentos disciplinares das Ciências Sociais – isso ocorreu devido à participação desta pesquisadora na equipe do Projeto. Conforme o Quadro II, podemos ver a grade de horários do Projeto Integrar nas aulas do extensivo de 2017.

Quadro I– Grade de Horário Projeto Integrar IEE 2017.1

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
MTM	BIO (B)	Ciências Humanas	QMC (A)	Ed. Linguística
QMC (B)	FSC (A)	Ciências Humanas	MTM	Ed. Linguística
QMC (C)	BIO (A)	Ciências Humanas	BIO	Literatura
Línguas Adicionais	FSC (B)	Ciências Humanas	FSC	MTM

Fonte: Projeto Integrar 2017.

Atualmente, o Projeto de Educação Comunitária Integrar acontece em dois espaços públicos: no Instituto Estadual de Educação (IEE), situado no centro de Florianópolis, onde funcionam três turmas, sendo duas de semiextensivo, que iniciam no segundo semestre, e o extensivo, que tem a duração de um ano letivo; e na Escola de Ensino Básico (EEB) Jurema Cavallazzi, situada na Comunidade do Morro da Queimada/Mocotó – Maciço do Morro da Cruz, onde funciona uma turma de extensivo, ano de 2017. As aulas do Projeto Integrar acontecem de segunda a sexta-feira, das 18h50 às 22h00, no IEE, e das 19h00 às 21h30, de segunda a quinta-feira, na Escola Jurema Cavallazzi. Os horários se distinguem para atender às especificidades de cada comunidade.

No ano de 2016, na primeira experiência com esta comunidade, participaram do Projeto Integrar 17 estudantes, sendo possível perceber que os/as mesmos/as não compareciam às sextas-feiras nas aulas. A justificativa para as ausências em aula dadas pelas estudantes era que na sua comunidade ocorriam bailes funks, além de existirem mais de 12 terreiros de Matriz Africana, igrejas tanto católicas como neopentecostais, e essas dinâmicas sociais aconteciam nas sextas-feiras.

O território do Morro da Queimada/Mocotó possui uma dinâmica social e cultural própria. Isso fez com que as professoras e professores do Projeto Integrar compreendessem que as faltas nas sextas-feiras seriam inevitáveis e que era preciso um modelo de aula que contemplasse tantos as/os estudantes quanto a comunidade, e isso só foi possível por intermédio de diálogos com o Movimento Negro Unificado

(MNU/SC), que atua naquele território há mais de duas décadas. Para compreender essa realidade concreta, o MNU¹⁵, por meio de formação, possibilitou um diálogo com as professoras e professores que atuam no Projeto na EEB Jurema Cavallazzi, superando por meio dos debates e reflexões o pragmatismo das aulas de segunda à sexta, incorporando na sua estratégia pedagógica o tempo de aula possível, dialogando com a demanda trazida pelos/as estudantes daquele território.

O Projeto Integrar já propiciou o ingresso na universidade a mais de 380¹⁶ trabalhadoras e trabalhadores estudantes, que conquistaram uma vaga nas universidades públicas do estado de Santa Catarina – ou então, por meio do Programa Universidade para Todos (PROUNI), bolsas nas universidades privadas. O quadro de professoras e professores do Projeto Integrar é constituído por 65¹⁷ membros, dentre os quais alguns estão em sala de aula na prática pedagógica, e outras e outros auxiliam o projeto nos processos administrativos burocráticos.

O Projeto Integrar é uma associação de professoras e professores, legalmente registrada, e possui Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) desde 2012. Esta situação tem facilitado a sua parceria com outras entidades, sejam elas públicas ou privadas, de pessoa jurídica ou física, possibilitando ao Projeto concorrer a editais e oportunizando parcerias significativas.

Dentre essas parcerias, o Projeto Integrar conta com a colaboração em espécie do Sindicato dos Auditores Fiscais do Estado de Santa Catarina (SINDIFISCO), com o valor anual de dez mil reais (2013), assim como com a doações de livros de literatura que são cobrados nos vestibulares (o valor dos livros é deduzido da doação) e com doações de computadores usados para a Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS). Esse valor pagou e vem pagando despesas de materiais impressos (fotocópias) para as aulas de professoras e professores, projetores de multimídia, canetões para quadro branco, pagamento de monitoria (que, no seu total, são quatro

¹⁵ Ver mais em: HASENBALG, Carlos; GONZALEZ, Lélia. **Lugar de Negro** in: O movimento Negro Unificado contra a discriminação racial. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1982.

SANTOS, Ivanir A. A dos. **O Movimento Negro e o Estado** (1983-1987) in: 1978 – A Primavera de Maio do Movimento Negro Brasileiro. Campinas, São Paulo. Tese de Mestrado em Ciências Políticas na Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Defesa: 12/12/2001.

O Movimento Negro Unificado é um movimento de luta antirracista, que surgiu em 18 de junho de 1978, ou seja possui uma história de quase 40 anos no Brasil, em busca dos direitos à diferenças, e se tornou um mecanismo de denúncia contra o racismo estrutural e capitalista.

¹⁶ Disponível em: < <http://www.projetointegrar.org/> > acesso em: 25 de março de 2018.

¹⁷ Disponível em: < <http://www.projetointegrar.org/> > acesso em: 25 de março de 2018.

estudantes graduandas e graduandos gestunianas e gestunianos), gastos com a contabilidade do projeto e 25% para auxiliar as estudantes e os estudantes da GESTUS.

Durante algum tempo o projeto Integrar sobreviveu com ação voluntária das professoras e professores que faziam doações para cobrir as despesas administrativas. Somente após a chegada, em 2013, do SINDIFISCO, por intermédio do Professor Júlio César Nascimento, professor da frente de Física do Projeto Integrar e membro da GESTUS, que é sindicalizado (mas que atualmente está afastado do Projeto), é que o Projeto Integrar passa a dispor de recursos próprios.

O Projeto Integrar se organiza em uma dinâmica de reuniões coletivas, organizativas, formativas e deliberativas, com periodicidade mensal, nas quais seus/suas integrantes têm um compromisso com o coletivo em participar da construção do Projeto, para além das aulas ministradas. Também ocorrem reuniões por áreas de conhecimento, visando o planejamento de aulas das disciplinas.

Em seu nível organizacional o Projeto Integrar é composto por uma equipe de coordenação, sendo que cada disciplina tem sua coordenadora ou coordenador. As disciplinas de Geografia, História, Filosofia e Sociologia se agrupam por área de conhecimento, formando a equipe de Ciências Humanas. As disciplinas de Gramática, Produção Textual e Literatura compõem a equipe de Linguagens. Essas equipes, Ciências Humanas e Linguagens, buscam trabalhar as temáticas de forma interdisciplinar.

Os objetivos do Projeto Integrar organizam-se em torno de quatro eixos de atuação, os quais buscam criar um Projeto de Educação Popular, como se pretende para o Projeto Integrar. Assim, o projeto se articula em ações de acesso, ações de permanência, ações de formação de educadoras e educadores, e ações de desenvolvimento territorial. Conforme ROCHA (2016), podemos destacar:

1º eixo – Acesso à Universidade, proporcionar Curso pré-vestibular gratuito extensivo de 8 meses e semiextensivo de 4 meses, voltados aos sujeitos trabalhadores de escola pública, negros e indígenas, em situação de vulnerabilidade social, que tenham o acesso por meio das políticas de ações afirmativas (cotas), nas universidades públicas de Santa Catarina, e pelo PROUNI nas universidades privadas;

2º eixo – Permanência na Universidade por meio da GESTUS (Gestão Estudantil Universitária Integrar), que proporciona o apoio aos trabalhadores estudantes durante seu percurso formativo na graduação, visando à permanência destes, evitando o baixo rendimento acadêmico e diminuindo a exclusão universitária;

3º eixo – Formação Docente, oportunizar a experiência da prática docente na Educação Popular para o público da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), a fim de formar educadores em início de carreira, sensibilizados com a causa da educação dos trabalhadores.

4º eixo – Prática de Transformação Social, por meio dos estudantes universitários e professores do Projeto Integrar, ligar os saberes acadêmicos com as necessidades e realidades sociais das comunidades dos nossos estudantes, transformando as realidades. (ROCHA, 2016, p. 128).

E assim são definidos os pontos de destaque da atuação do Projeto de Educação Comunitária Integrar, que se pretende mais do que apenas um curso pré-vestibular. Trata-se de um projeto que busca resultados no campo da educação popular.

2.1 A Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS): Quando permanecer é um direito

Durante o processo de ensino aprendizagem no Projeto Integrar os estudantes, que na sua grande maioria são trabalhadoras e trabalhadores de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social, apresentam dificuldades para a sua permanência no percurso formativo dentro do Projeto Integrar e, quando acessam a universidade, continuam com a problemática da permanência agravada.

Em fevereiro de 2012, após a primeira turma do Projeto Integrar ter acessado a universidade, alguns destes estudantes de graduação e educadores do Integrar organizaram-se em coletivo por meio da Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS). O Coletivo estudantil GESTUS é o grupo de trabalho dentro do Projeto Integrar que tem como propósito garantir a permanência dos/as estudantes nas universidades, por meio do fornecimento de informações, formações e suporte que ocorrem em reuniões sistemáticas.

[...] o Projeto de Educação Comunitária Integrar (pré-vestibular) e o GESTUS (Gestão Estudantil Universitária) se apresentam como espaços de discussão dos princípios da educação popular e da cidadania. O pré-vestibular Integrar é gratuito, visa atender jovens e adultos, homens e mulheres trabalhadores (as), estudantes de ensino médio público de Florianópolis, por meio da preparação para o acesso ao ensino superior; oportunizar a experiência docente para novos profissionais em formação ou recém- formados; e promover o acompanhamento da trajetória dos estudantes que ingressam nas universidades. (SCHERERE-WARREN; DELESPOSTE, p. 129, 2016 grifo meu).

Os encontros acontecem no terceiro sábado do mês, com alternância de local, pois o coletivo não possui uma sede. Esse fato faz com que ocorra um momento de deslocamento para o local da reunião que é realizado de ônibus pela maioria do coletivo, sendo esse movimento geográfico importante para o fortalecimento do grupo, pois a itinerância das reuniões nas casas das gestunianas e gestunianos faz com que seja possível conhecer a realidade de cada uma e cada um que faz parte do grupo.

Os encontros são pré-estabelecidos em cada reunião com hora, período (manhã/tarde ou tarde/noite) e local. A anfitriã ou anfitrião apresenta uma/um personagem, um nome inspirador e de luta, que transmite uma história e nomeia aquela reunião, e isso fica a cargo da pessoa que recebe a reunião em sua casa. Logo após a apresentação do/da personagem, é feito o debate sobre a/o personagem escolhida/o, passando em seguida para a formação política, que geralmente é realizada pelo professor Kleicer Rocha. Ele traz o texto fotocopiado para todas e todos, é feita uma leitura dirigida, e o debate é feito contemplando ponto a ponto. Logo após as formações é o momento das pautas, sendo essas também construídas coletivamente.

É importante lembrar que a GESTUS possui uma coordenadora, porém, o esforço é sempre compreender que a organização é horizontal. É importante frisar que o coletivo, durante os seus cinco anos de atuação, teve “à frente” da coordenação mulheres negras¹⁸. É possível observar essa dinâmica na citação abaixo:

Quando se tem PAA nas universidades públicas, é preciso dar atenção, pois assim como a experiência dessa entrevistada, existem outras histórias de vida de estudantes, anteriores ao ingresso na universidade, influenciadas pelo fator geracional, étnico-racial, de gênero e de classe social, cujos fatores repercutem no acesso e depois na permanência na universidade. [...] a estudante revelou em sua fala que os projetos Integrar e GESTUS contribuíram para sua valorização pessoal, conforme sua declaração: “Eu consegui me auto afirmar, pois eu achava que eu seria só mãe, caixa de supermercado, e ao entrar para o projeto vi a diferença, sou outra”. (SCHERERE-WARREN; DELESPOSTE, p. 130, 2016)

E, pensando nessa mobilidade que o coletivo faz ao se deslocar para as reuniões, a GESTUS entende que a cidade de Florianópolis é vanguarda na luta de um transporte

¹⁸ 1ª gestão: Luciana de Freitas Silveira, estudante da Universidade Federal de Santa Catarina do curso de Ciências Sociais; 2ª gestão: Ticiane de Abreu Caldas, estudante da Universidade Estadual de Santa Catarina graduada em História; 3ª Michele Mafra, estudante da Universidade Federal de Santa Catarina do curso de Arquitetura e Urbanismo.

público de qualidade e preço justo. Diante deste quadro, os estudantes e as estudantes, compreendendo que algumas pessoas do coletivo não tinham condições de se deslocar todos os dias para as aulas na universidade, elegeram a compra do passe estudantil como prioridade.

Com o passar do tempo o coletivo lançou a construção de um processo que visava proporcionar para as gestunianas e gestunianos a oportunidade de compreender a dinâmica das universidades, ou seja, as bolsas estudantis, os editais, como preencher Cadastro Socioeconômico, como garantir alimentação, utilização de espaços como bibliotecas, laboratórios de informática, moradia, etc. Essas questões podem parecer muito óbvias para muitas/os estudantes universitárias e universitários, porém, para trabalhadoras e trabalhadores estudantes que ousam se desafiar e desafiar uma sociedade excludente, e que se deparam com esse espaço institucional pela primeira vez, o que parecia um passo rumo às possibilidades torna-se um entrave, tendo em vista as inúmeras siglas, datas, editais, catracas e cones.

Essa dinâmica social envolvida no acesso à universidade coloca o estudante diante de um mundo novo e estranho, e é essa a principal barreira que a GESTUS busca superar:

O trabalho de acolhimento realizado pela GESTUS repercute na trajetória da estudante, seja no modo de fazer ou de participar da política dentro da universidade, o que favorece o processo de maior autonomia dos estudantes que passam pelo apoio da gestão e que não abrem mão de negociar suas demandas nos espaços de decisão dentro da universidade. (SCHERERE-WARREN; DELESPOSTE, p. 131, 2016)

Diante destas questões, o coletivo permanece, até os dias de hoje, criando mecanismos de resistência dentro e fora das universidades, a exemplo da organização de um Café Cultural, que acontece há três anos para a arrecadação de fundos – esse evento conta com o apoio do Projeto Integrar. Como movimento o coletivo GESTUS construiu a Horta Comunitária GESTUS, na comunidade da José Boiteux/Maciço do Morro da Cruz, com o objetivo em desenvolver a integração dos conhecimentos adquiridos na universidade e a praticá-las com as comunidades periféricas. Outra ação do coletivo, realizada há três anos, é o Natal GESTUS, que desde o seu início tem como intuito distribuir presentes e guloseimas arrecadas com parcerias, através de campanhas pelo facebook e pelo boca à boca. Esse evento, para além do material, tem como objetivo

promover a aproximação com as comunidades das periferias, lembrando que todos os Natais do coletivo GESTUS ocorreram na comunidade José Boiteux (no centro de Florianópolis).

Nesse percurso de resistência foi constituído o grupo de Apoio Pedagógico, que tem como atividades as aulas de reforço de matemática e oficinas de inglês. Também foi construído a PesqueGESTUS, que são oficinas de escrita e produção de artigos. Como resultado destas oficinas está em fase de elaboração o lançamento de um livro coletivo, intitulado “O que eu ensinei para a Universidade”, e que vem sendo elaborado a partir dos relatos do coletivo. No ano de 2016, diante das produções da PesqueGESTUS, ocorreu o primeiro Seminário GESTUS, intitulado “Por uma educação Popular: Cotas, Permanência e Resistência”, no Centro de Ciências Humanas e Filosofia (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), oportunizando, em duas noites de trabalhos e debates, uma experiência acadêmica àquelas/es que ainda não tiveram contato com atividades outras que não as de sala de aula.

Financeiramente, hoje o Coletivo GESTUS conta com o apoio do Integrar, que repassa um percentual de 25% da doação do SINDIFISCO. Em seu histórico o coletivo tem registrado memórias de dias de muitas dificuldades, em uma época em que eram realizados brechós e ações entre amigos a fim de subsidiar R\$ 30,00 para aquelas/es que economicamente necessitavam e ainda precisam dos recursos para fotocópia, passagem ou alimentação. A ideia de construir um chamado nas redes sociais, por meio do qual as pessoas pudessem “amadrinhar” ou “apadrinhar” as gestunianas e gestunianos, oportunizou uma melhor distribuição das rendas recebidas. As histórias de vida dessas estudantes e dos estudantes são contadas na página da GESTUS e do Projeto Integrar e cada pessoa que se sensibiliza pode contribuir com R\$ 50,00 ou R\$ 100,00 que é depositado via PayPal¹⁹. A contrapartida de quem recebe o benefício é de responsabilidade de cada uma e um dos beneficiados e, ao findar o semestre, se faz necessário elaborar um relatório para as madrinhas e padrinhos e descrever sobre percurso educacional, as dificuldades desafios e as metas alcançadas, bem como comprovar os gastos por meio de notas fiscais. Vale lembrar que a comprovação por meio de notas fiscais vale para todas e todos que recebem algum tipo de auxílio.

Pontualmente, a GESTUS ainda faz ações para garantir fundos, como por exemplo, no mês junho e julho de 2017 foi produzido um chamado para a colaboração

¹⁹Disponível em < <https://www.paypal.com/br/h> > acesso em: 10 de abril de 2018.

entre amigas/os para ajudar um estudante, do curso de Serviço Social (UFSC), membro da GESTUS, a comprar sua passagem para o exterior, pois o estudante foi selecionado em um intercâmbio, o qual garantia a vaga, mas não a passagem para o seu deslocamento até o México. O coletivo teve sucesso nessa empreitada e o estudante e o coletivo conseguiram garantir as passagens.

[...] esses sujeitos envolvidos em algum processo de participação política na universidade constroem um pensamento crítico e criativo de, que oferece a percepção para indivíduos de sua posição na estrutura socioespacial da vida cotidiana, enquanto acadêmicos. [...] a partir da ação prática, fundamentada em um coletivo social, instaura-se um engajamento político em defesa das questões étnico-raciais, como também da gênero e geração[...]. (SCHERERE-WARREN; DELESPOSTE, p. 131, 2016)

Além de auxiliar os estudantes em pontos fundamentais como os citados anteriormente, a GESTUS também auxilia os estudantes que necessitem apresentar trabalhos acadêmicos fora da sua universidade de origem, com o valor de R\$ 300,00, o qual pode ser solicitado uma vez por semestre – ciente de que tudo depende de como está a situação financeira do caixa do coletivo naquele momento.

A GESTUS possui uma gestão própria e construiu nos últimos anos um estatuto que rege a coletividade em benefício do grupo. Este estatuto serve para detalhar e orientar o funcionamento, bem como a troca bianual da coordenação e o acesso aos direitos e benefícios. Cabe lembrar que, diante das inúmeras ações propostas pelos gestunianos nas reuniões, que visam uma mobilização também para fora dos muros universitários, o grupo possui um quadro de grupos de trabalho, o que dá possibilidade para que todas e todos possam, de alguma forma, apresentar e efetivar suas propostas, como é possível observar no quadro abaixo:

Figura 01 – Grupos de Trabalho GESTUS 2018

GRUPOS DE TRABALHO GESTUS 2018		
COMUNICAÇÃO Jacqueline, Jonny, Débora Freire e Tainara	OFICINA LATTES Ticiane e Mari.	CONFRATERNIZAÇÃO Michele e Lisnaria.
CAMISETAS Débora Freire, Luciana Freitas e Ticiane	SEDE Michele e Mara	AULA GESTUS INTEGRAR Mara e Rosângela
SUBJETIVIDADES Mari	GESTUS SONOROS Kleicer, Ivaniide, Mari, Samuel, Ivo, Rosângela e Camila.	BIKE GESTUS Rosângela e Mayana
FORMAÇÃO POLÍTICA Kleicer, Augusto e Guilherme	CINE GESTUS: Ivo e Michele	DINÂMICAS Maria Luitza, Michele, Débora Torres, Mayana e Mara
GESTUS DE NATAL Thaty e Mara	OFICINA PARA EDITAIS Tainara, Thaty, Mara e Débora Freire	CINE GESTUS NAS ESCOLAS PÚBLICAS Samuel, Ivo, Michele, Rosângela e Luciana Freitas
DIVULGAÇÃO JUREMA CAVALAZZI Aquiles, Nicolle, Célio e Lisnaria.	VAQUINHA VIRTUAL Tainara e Jacqueline	ASSINATURA REVISTA Kleicer e Débora Torres
BIBLIOTECA MORRO DA QUEIMADA Jonny, Rafael Silva, Aquiles e Israel Barbosa	GESTUS NA ESTRADA Tainara, Ticiane, Luciana Freitas e Michele	II SEMINÁRIO GESTUS Kleicer, Ticiane, Tainara, Ivo, Rosângela, Jacqueline, Mara e Mari.
PESQUEGESTUS Kleicer e Mari	ORGANIZAÇÃO PESSOAL Tainara e Mari	I ENCONTRO DE PUP'S DA GRANDE FLORIANÓPOLIS Kleicer, Ticiane, Luciana Freitas, Ivo, Jonny e Tainara
FINANCEIRO Ticiane e Luciana Batista	MEMÓRIA GESTUS (REUNIÕES) Jacqueline, Débora Torres e Aline Miquel	FORMAR PARCERIA GESTUS + LEVANTE + MNU Kleicer, Ticiane, Luciana Freitas, Mara, Rosângela e Ivo
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS Tainara, Aquiles e José	CNPI – ASSOCIAÇÃO DOS FORMADOS-RENDA Luciana Freitas, Mara, Rosângela, Débora Freire	CADERNOS TIC I Ticiane e Michele
CURSO DE INFORMÁTICA Débora Freire e Jacqueline	OFICINA MATEMÁTICA Ivo e Débora Torres	PANFLETAGEM GESTUS NAS MATRÍCULAS DA UFSC Kleicer, Luciana Freitas e Lisnaria.
DIVULGAÇÃO EJA Rosângela e Kleicer	ESPORTES GESTUS Michele, Jonny, Ivo e Samuel	



GESTÃO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIA INTEGRAR

Fonte: Grupo da GESTUS, 2018.

Diante desse contexto repleto de vivências dentro do Projeto de Educação Comunitária Integrar e na Gestão Estudantil Universitária Integrar, a pesquisa tem como objetivo analisar o processo de educação como instrumento de empoderamento das mulheres negras e trabalhadoras/estudantes, tendo como hipótese que este é um dos dispositivos de empoderamento destas mulheres.

Os estudantes que ao longo de suas trajetórias acadêmicas se envolvem em algum tipo de ativismo percebem e problematizam: a existência de distinções entre espaço físico e simbólico tanto na universidade como na cidade, ocupados por um lado pela população pobre e negra e, por outro, por uma elite constituída historicamente; e a respectiva necessidade do novo ativismo no campus universitário para a desconstrução de uma racialização pejorativa e discriminatória desses espaços. (SCHERERE-WARREN; DELESPOSTE, 2016, p. 136)

A participação feminina e negra é também a abrangência do trabalho realizado pelo Projeto Integrar e pelo Coletivo GESTUS, representadas pelos dados que seguem abaixo: a Gestão Estudantil atualmente possui 48 membros, sendo 85% estudantes, 10%

educadores, 4% participantes, dentre os quais 37,5% são homens, 62%, sendo mulheres e, dentro destas, 72% são negras.

Portanto, esta pesquisa visa explicitar e entender as motivações e os desafios desse grupo de mulheres negras que passaram pelo INTEGRAR e que, atualmente, se mantém vinculadas a GESTUS. Além disso, é importante investigar se estas mulheres se ressignificam em razão de objetivos que relacionam ascensão social e empoderamento. Assim, este trabalho registra histórias e se entrelaça com valores vitais na luta das mulheres negras brasileiras na educação e no enfrentamento contra as exclusões e as opressões.

3. MULHERES NEGRAS COM LIVROS NAS MÃOS

[...] somente nós mesmas podemos nos definir. Somos as fontes mais genuínas de conhecimento sobre nós.
(GONÇALVES)

Este capítulo tem como objetivo descrever e analisar a trajetória das mulheres negras organizadas no coletivo GESTUS, explicitando de que forma estas mulheres se apropriam da política étnico-racial de inserção do Projeto Integrar. Deste modo, aborda-se como esta política atua para que as negras adentrem nas universidades públicas e privadas a partir dos concursos de vestibular, ENEM, PROUNI e SISU. Compreende-se que, posteriormente, dentro de uma universidade pública e privada, possa haver a inclusão de outros sujeitos, negros e negras, indígenas, quilombolas etc., os quais não possuem os privilégios na sociedade. São também apresentados os resultados que foram compilados e que mostram uma ascendência nos números de inserção das mulheres negras.

3.1 O Projeto Integrar adentra a comunidade

Nos meses de março e julho o Projeto Integrar divulga nas redes sociais a convocatória para a seleção do pré-vestibular. O coletivo da GESTUS em campo passa as informações nas comunidades do Morro do Mocotó, Queimada, Monte Serrat e no Barracão da Escola de Samba Unidos da Colônia, com a colaboração da coordenadora da ala das Passistas (ver Figura 02 e 03), pois compreende-se que nem

todos das comunidades periféricas tem acesso à internet. Como resultado acontece a troca de informação entre estudantes, com a parceria de movimentos sociais que atuam nas comunidades: Movimento Negro Unido (MNU), Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade (ADEH), Moradores em situação de rua (CENTRO POP).

Figura 02 – Divulgação da GESTUS no Barracão da Escola de Samba Unidos da Coloninha



Fonte: Projeto Integrar, 2016.

Figura 03 – Divulgação da GESTUS na Comunidade do Morro do Mocotó/ Queimada



Fonte: Projeto Integrar, 2017.

É importante salientar que, a partir de 2014, o Integrar implementa as cotas raciais no processo de seleção do perfil de estudantes²⁰ e, posteriormente, as cotas para estudantes de escola pública, de Educação de Jovens Adultos (EJA), para moradores em situação de rua, para imigrantes e para a comunidade LGBTTT (ver figura 04).

Figura 04 – Cartaz de Divulgação do Projeto Integrar



Fonte: Projeto Integrar, 2014

Em uma segunda etapa após a divulgação é realizado um questionário socioeconômico (anexo 01). As inscrições acontecem tanto virtual, quanto de forma manuscrita, com a colaboração do Coletivo da GESTUS nas comunidades. O cadastro é um dos procedimentos que compõem os processos de seleção, com o recorte de renda para a chamada das entrevistas, e nele busca-se o maior número de informação dos futuros estudantes de modo a subsidiar a próxima etapa que é a entrevista pessoal, com uma banca composta por três membros de professores do Integrar e do coletivo da GESTUS. É na entrevista que o processo seletivo pontua as questões de raça, classe e gênero, e os futuros estudantes respondem aos questionamentos realizados pela banca para avaliação (ver figura 05 abaixo). O resultado final do preenchimento das 200 vagas é divulgado após as entrevistas.

Figura 05 – Roteiro de Entrevistas

²⁰ Na Universidade Federal de Santa Catarina a aprovação da proposta da Política Ações Afirmativas ocorreu em 10 de julho de 2007, sendo implementada em 2008, portanto, são dez anos dessa política, a qual ainda hoje merece muito debate e avanços.

Roteiro das Entrevistas											
1 – Fale da sua rotina de seg/dom				2 – Porque você quer entrar no ensino superior?							
• Onde mora? (quem e quantas pessoas?)				3 – Por que mereço a vaga.							
• Deslocamento?											
• Trabalho, horários?				• Origem?							
• Lazer (tempo livre)?				• Engajamento social?							
NOMES	E-MAIL	Renda Per Capita	Ensino Médio	Capacidade de Permanência	Engajamento Social	Experiência	Contribuição	Renda Contextualizada	Pq Merece a Vaga	SOMA	OBSER
		0 a 5	0 a 5	0 a 5	0 a 5	0 a 5	0 a 3	0 a 5	0 a 5		Exemplo
										0	
										0	

Fonte: Projeto Integrar 2017

Na disciplina de Geografia é realizada, como início das atividades, a apresentação das/dos estudantes e professores. O docente tem como objetivo levantar as biografias dos estudantes e, como efeito, os relatos são impactantes. A partir destas apresentações, que coincidiram com as matrizes do ENEM, surgiram as motivações para inserir dentro do curso pré-vestibular uma frente de sociologia. E foram nessas aulas que a discussão étnico-racial teve seu maior foco. A disciplina de Sociologia é ministrada por esta pesquisadora, e foi nos corredores da escola que as estudantes negras me procuravam, ora para compartilhar suas inquietações diante do tema em discussão, ora para tirar dúvidas.

Diante de tal cenário, e como mulher negra, senti a necessidade da discussão étnico-racial voltada também para a mulher negra, sem perder vista a desconstrução do discurso segundo o qual a população negra é o problema da sociedade brasileira. A partir da experiência vivida com estas estudantes negras me interessei por pesquisar acerca do tema e perceber o quanto é fundamental que haja em sala de aula a participação popular de representantes das comunidades negras, assim como a inclusão de professoras negras como representatividade, que apontem caminhos possíveis para o enfrentamento dessa inanição, principalmente das negras, frente ao racismo e ao sexismo.

Para tanto, não se pode perder de vista que a questão racial não deve aparecer tão somente como um conteúdo pragmático para passar no vestibular, mas sim, para ultrapassar as barreiras que a branquitude coloca todos os dias na vida das mulheres negras.

Falar para as mulheres negras, se constitui, pois num ato de destruição gradativa da identidade imposta pela sociedade racista e machista,

bem como num gesto decisivo de rompimento com o que as oprime enquanto seres humanos. (GONÇALVES, 1998, s/p)

Quando falamos com mulheres negras é nos olhares e gestos que a expressão máxima da comunicação acontece em sala de aula. Percebo em minhas aulas que quando inicio a discussão acerca do que é ser uma mulher negra em uma sociedade racista, de imediato os olhares de resistência se colocam ao debate. Não demora para as expressões tomassem os olhares atentos, quando em alguns momentos uma ou outra toma coragem e levanta algum questionamento. Diante desta experiência em sala de aula, percebo como é falar para uma mulher negra: é ler nos suspiros, nos olhares e na busca de confiança na representação dos exemplos dados por uma professora negra.

Em certa aula levantei o questionamento do que seria um relacionamento inter-racial e logo vieram relatos de situações apontando a exclusão enquanto mulher negra. Dentre os relatos é possível observar como os corpos dessas mulheres negras são tratados. Os dançarinos afirmam que os corpos falam. Sim, o corpo fala. Ter uma resposta a partir de um olhar é maravilhoso, melhor ainda é sair de sala de aula e ouvir das meninas negras que sua aula foi maravilhosa. Retornar tempo depois e ser cobrada por demorar demais para voltar em sala de aula. Eu via nos olhos delas e no diálogo do corpo as respostas: “Putz, como eu não tinha me atentado a isso?”

Não tenhamos dúvida que ser estudante mulher negra é pensar na sobrevivência e na ascensão social por meio da educação – para pensar em uma educação que dê conta deste mundo, onde a mulher negra nem sempre seguiu o percurso escolar normativo. Nas falas percebo os obstáculos que fizeram estas mulheres negras saírem dos bancos das escolas e, somente com a idade mais avançada, conseguirem, por meio de cursos supletivos, concluir o ensino médio. Geralmente, estas mulheres, quando chegam no curso pré-vestibular, já são mães, trabalhadoras, chefes de família, ou estão em um quadro socioeconômico de vulnerabilidade. É por meio de uma educação libertadora que compreendemos qual é o nosso papel como indivíduo na sociedade, quando estas mulheres se localizam no debate é o momento no qual a luta da mulher negra se torna visível.

Para mim, era questão de integridade pessoal e intelectual questionar esse pressuposto tendencioso. Questionando-o, eu me negava a ser cúmplice do apagamento das mulheres negras e/ ou das de classe trabalhadora de todas as etnias. (HOOKS, 2013 p. 243-244)

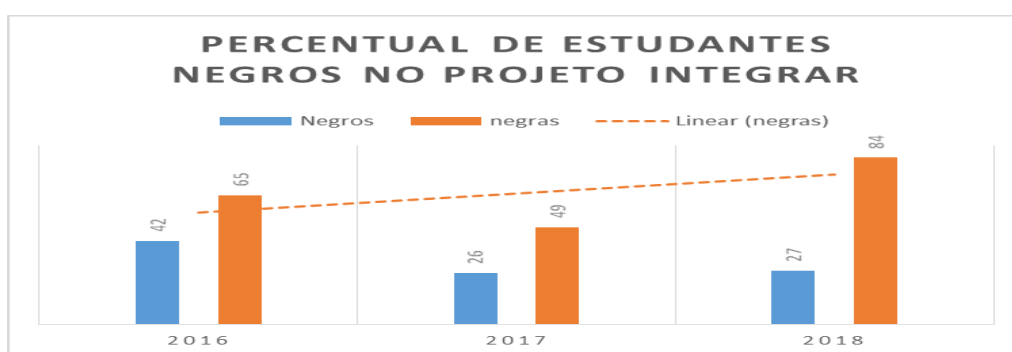
Quando em sala de aula inicio o debate acerca da escravidão e de pronto percebo um certo descrédito de alguns estudantes. É perceptível a não compreensão das estudantes em relação à escravidão e o que ela acarretou, atrasando por séculos o progresso das mulheres negras nesse Brasil. Para tratar da escravidão em uma sala localizada em um território majoritariamente negro, quando há negação da escravidão, ocorre um estranhamento, e se faz necessário problematizar tal situação, para que o debate não resulte somente em trabalho escrito, e sim, abra para uma discussão onde a mulher negra se afirme. Para tanto, são necessários certos recursos, tais como exemplos das crueldades aferidas às mulheres escravas por homens e mulheres brancas, conforme traz Angela Davis em sua obra:

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modo cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p.19)

Atualmente as mulheres negras têm em seu imaginário que seriam aceitas pela sociedade a partir do momento em que a aproximação com a brancura fizesse parte da nossa silhueta e no nosso jeito de ser. Compreendo que não foi fácil aceitar o meu cabelo e algumas partes do meu corpo. A pressão imposta pelo espectro branco ainda hoje passeia no imaginário das mulheres negras, atuando como uma forma de negação de sua identidade e fazendo com que estas mulheres vejam nessa negação uma possibilidade de ascensão na sociedade branca, visto que “[...] o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir” [...] (FANON, 2008, p. 95).

Para dar conta deste debate, a linguagem de ciências humanas é pensada estrategicamente, dando ênfase na discussão acerca de temas como a escravidão, o racismo estrutural, história da África enquanto continente, a ancestralidade e atualidade da situação dos quilombos no Brasil, a territorialidade e mobilidade negra entre centros urbanos do Brasil e trajetória das mulheres negras. A introdução da discussão étnico-racial estimula a pesquisa do tema para o corpo docente e fortalece a representação e o empoderamento para que as estudantes negras ocupem lugares com seus corpos negros ao longo do projeto, tomando para si os bancos escolares, como demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 02- Percentual por Gênero (2017)



Fonte: dados compilado pela autora, 2018

Com o crescimento da presença de mulheres negras foi necessário buscar a compreensão dos elementos que permitem o reconhecimento mútuo entre mulheres negras e as suas histórias, seja na luta pela autonomia, pelo respeito, pelas oportunidades e, principalmente, pelo fato de ser mulher negra. Isto promove o movimento de desconstrução dos discursos acerca da democracia racial e faz com que todos se vejam a partir do seu lugar em alteridade em relação ao outro.

3.2 A chegada das mulheres na GESTUS

O Coletivo da GESTUS vem fomentando a representação estudantil do Projeto Integrar. Este quadro muda quando a presença de mulheres negras chega ao coletivo, assim como há coordenações de mulheres negras. As mulheres negras estão produzindo ruídos, e esse som ainda não modulado começa a perturbar as instituições, que durante muito tempo mantinham um silêncio alvo. Esse movimento, ainda que pequeno, possibilita que essas mulheres sejam ouvidas.

Escrever fragmentos da vida destas mulheres na educação é uma forma de transgredir um espaço repleto de limites, quando o objetivo é falar e escrever as subjetividades de sujeitas negras. Quem se interessa pelas vidas destas mulheres negras hoje na universidade? Creio que apresentar a vida destas mulheres é tornar a mesma como ferramenta de luta e resistência. É por isso que eu escrevo acerca de suas trajetórias, e são esses relatos que me impulsionam como mulher negra. Percebo nas narrativas dessas mulheres o quanto avançamos no debate do empoderamento da mulher negra dentro e fora do meio acadêmico, a exemplo do relato da estudante Marielle: “deixei de ser uma peça do capitalismo, não engulo mais o que não é digestivo!”.

Os movimentos contínuos visam tirar a mulher negra do lugar que os brancos estabelecem, sempre para a sua utilização. A minha busca pela fala das mulheres foi no intuito de pensar nesse lugar que permite que ela fale e se defina. Ela não será mais “[...] a mucamba permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carregava a família dos outros nas costas” (GONZALEZ, 1980, p. 230).

Ao não aceitar tais papéis de subordinação que a sociedade impõe, nós, mulheres negras, fortalecemos e avançamos em busca do nosso resgate histórico, das nossas ancestrais que foram rainhas de um continente rico e diversos na sua humanidade.

Quando uma mulher negra se coloca no meio acadêmico e também fora dos muros de forma articulada e propositiva, a branquitude fica estupefata. A contradição se apresenta também quando “suas empregadas” encontram-se nos bancos das salas de aula com seus filhos.

Ainda somos poucas nesses espaços? Talvez sim, por isso tentam nos invisibilizar, pois há um estranhamento aguçado dos brancos sobre os corpos negros. Perturbamos com o nosso “pretuguês”, como diz Gonzalez (1980, p. 235). Sim, isso incomoda, mas falar com rigor também causa espanto: como essa preta é articulada, até mesmo inteligente, mesmo sendo uma preta, etc. Eis aí a face cruel do colonialismo que continua marcando agora não com ferros, mas com métodos, concepções acerca da fala e da escuta para se colocar em um lugar como a universidade.

4. AS NARRATIVAS DAS MULHERES NEGRAS ESTUDANTES DA GESTUS

A etimologia da palavra trajetória indica que é uma linha reta ou curva descrita ou percorrida por corpo impelido por uma força (Dicionário Priberam)²¹. A palavra trajetória, à qual me refiro aqui, é percorrida por um corpo de raça negra, de gênero feminino e classe social empobrecida, cujo percurso predominantemente não segue uma linha reta ou curva, ele é complexo. É a vida de uma mulher negra.

Obrigadas pelos senhores de escravos a trabalhar de modo tão “masculino” quanto seus companheiros, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas vivências durante a escravidão. Algumas, sem dúvida, ficaram abaladas e destruídas, embora a maioria tenha sobrevivido e, nesse processo, adquirido características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX. (DAVIS, 2016, p. 23-24)

²¹ Dicionário Priberam < Disponível <https://www.priberam.pt/dlpo/trajet%C3%B3ria>>, acesso em: 22/06/18.

Para desenhar este percurso, recorro às narrativas de nove mulheres negras, que foram entrevistadas com o propósito de perceber o processo de empoderamento delas ao longo de suas trajetórias no INTEGRAR e na GESTUS.

Os encontros foram pré-agendados conforme a disponibilidades das entrevistadas, pois algumas delas, além de terem a carga horária da graduação, trabalham, estagiam e cuidam da família. O roteiro da entrevista foi estruturado com 20 perguntas fechadas e 09 abertas²².

As entrevistas possibilitaram responder a respeito de algumas hipóteses acerca destas mulheres negras. Primeiro, que a educação não formal, ou seja, o pré-vestibular mais propriamente dito, o Projeto de Educação Comunitária Integrar, propicia a estas mulheres negras a possibilidade de mudança por meio do campo educacional. Segundo, a Gestão Estudantil Universitária Integrar, sendo um movimento de estudantes, ex-estudantes e professores/as do Integrar, é o diferencial no projeto, pois trabalha com a permanência. É possível compreender, então, que há um “pré-vestibular” que se preocupa com os/as estudantes antes e depois do vestibular. E terceiro, que estas mulheres negras, se estiverem organizadas ao adentrarem o campo universitário, tendem a construir formas de empoderamento a partir das suas subjetividades e da coletividade feminina e negra.

As entrevistas aconteceram em locais de fácil acesso para essas mulheres, pois, como apontado anteriormente, algumas dessas mulheres negras da GESTUS possuem outras jornadas além da acadêmica. Logo, as entrevistas foram realizadas, na sua grande maioria, na Universidade Federal de Santa Catarina (sala de aula e lanchonete), outras na casa da entrevistada, na lanchonete do terminal Urbano de Florianópolis (TICEN), na lanchonete do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e por vídeo conferência.

Justifico as escolhas das mulheres negras da GESTUS por fazer parte desse coletivo, o qual também ajudei a construir, bem como por ter proximidade, tanto na questão racial, nas histórias de vida, como no percurso acadêmico. Compreendo que, ao trazer as narrativas, possibilito a elas e a mim mesma assumir a própria fala.

A possibilidade de (re)produção dessas narrativas reverbera em solidariedade entre nós mesmas, reforça o desejo de continuar, mostra que estamos no caminho correto e que as condições adversas atravessam todos os corpos negros, podendo

²² Ver apêndice 01.

produzir a nulidade. Assim como aponta Hooks (2013, p. 225): “[...] vozes consideradas estrangeiras não podiam se levantar eram idiomas fora da lei, eram falas de renegados”. Compreendo que ao (trans)escrever estas mulheres negras que eu conheço, incluem-se mais luzes nas práticas e teorias negras.

Tabela 01 – Perfil das gestunianas

Nome	Nascimento	Filho (s)	Estado Civil	Migração	Religião	Trabalho	Residência	Moradia
Glória	1990	1	Juntos	BA	S/R	Desempregada	Agromônica	Aluguel
Angela	1998	0	Solteira	SC	Umbanda	Bolsista	Tapera	Cedida
Jurema	1980	0	Solteira	PA	S/R	Estagiaria	Pantanal	Aluguel
Tereza	1996	0	Solteira	SC	Católica	Não trabalha	Santo Antônio	Própria
Ruth	1993	0	Solteira	SC	S/R	Estagiaria	Morro do Céu	Própria
Rosa	1988	0	Solteira	PR	Matriz Africana	Sem trabalho	Serrinha/São Paulo	Aluguel
Ida	1990	0	Solteira	MG	Católica	Trabalho CLT	Coqueiros	Aluguel
Antonieta	1992	1	União estável	PR	Evangélica	Trabalho Informal	Forquilhas	Mora com os pais
Marielle	1966	3	Casada	RG	Espírita	Diarista	Inglese	Aluguel

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Das 21 de mulheres negras da GESTUS, 9 foram entrevistadas. Elas têm a idade entre 50 anos e 20 anos, são graduandas de vários cursos da Universidade de Santa Catarina (UFSC) e também da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) – entre elas uma começou Mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

As linhas gerais que permitem a descrição do perfil destas mulheres podem ser representadas da seguinte maneira: 6 não têm filhos, responderam que são solteiras. As outras 3 nomearam as suas relações como união estável, casada ou vivendo juntas.

Sobre a religiosidade, 3 das mulheres negras disseram não possuir religião. Das 6 que afirmaram seguir alguma religião, 2 são de Matriz Africana, sendo que uma delas registrou como umbandista; duas como católicas, uma é espírita e outra evangélica.

A questão da casa própria também traz dados bem importantes sobre quem tem o direito à terra ou a moradia. Das entrevistas, 5 mulheres pagam aluguel; 2 tem a casa própria e 1 categorizou como “cedido” o imóvel onde vive e a outra mesmo já constituindo família vive na casa dos pais.

Quanto ao trabalho as mulheres trazem uma diversidade de situações: 2 se colocaram como pessoas que não trabalham, 2 estão em estágios, as demais se colocaram em categorias como: trabalho com CLT, trabalho informal, desempregada,

diarista e bolsista. Destas, 4 não conseguiram acessar as políticas de permanência na universidade por conta trabalharem em tempo integral, ou terem feito o pedido via edital e apenas ter deferido o acesso ao restaurante universitário, logo possuem apenas a garantia da alimentação.

Acerca da pergunta que indagava há quanto tempo a estudante estava afastada dos bancos escolares até chegar no Integrar e GESTUS, 4 estiveram cinco anos ou mais longe dos bancos escolares, 3 ficaram menos de cinco anos e 2 nunca ficaram fora do âmbito escolar. Todas as mulheres da GESTUS tiveram como percurso o ensino médio todo em escola pública.

O método utilizado buscou dar conta das narrativas das mulheres negras da GESTUS. A pesquisa quantitativa possibilitou elaborar numericamente algumas situações existenciais nas vidas dessas mulheres como a relações, se são casadas, solteiras ou outros, conforme apresentado acima. Porém na pesquisa qualitativa pude colher respostas que possibilitaram compreender a importância do retorno dessas mulheres para os bancos escolares, bem como suas experiências antes, durante e depois do seu processo dentro do Projeto Integrar e do engajamento na GESTUS. As mulheres apresentaram os atravessamentos que esses espaços causaram nas suas individualidades e nas suas coletividades. “De acordo com essa lógica, o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida.” (DELORY-MOMBERGER, 2012 p.525).

E foi diante das implicações, que eu reconheço os limites desta pesquisa, por meu envolvimento tanto com as mulheres, quanto com os espaços do Integrar e da GESTUS, tanto com uma militância negra. Porém, tendo oportunizado a dar voz a estas mulheres e estando dentro da academia, compreendo:

[...] sobretudo na entrevista de pesquisa [...] ele é levado a conduzir seu próprio “projeto de pesquisa”, já que o que lhe é explícita ou implicitamente solicitado é a realização de um trabalho de investigação, de definição de sua própria forma, e a compreensão deste trabalho constitui o objetivo específico do pesquisador. (DELORY-MOMBERGER, 2012 p.527)

Desse modo, entendo que a isenção é necessária, porém não prejudica o teor do trabalho que é o de dar surgimento as estas vozes tão importantes: as das mulheres negras da GESTUS.

4.1 O lixo vai falar²³

No momento em que me preparava para ir a campo, acreditava que escutaria as mesmas histórias. De fato, somos mulheres negras e, de modo geral, temos os mesmos percursos. Mas é no apertar o *play* que as emoções aparecem. Como somos parecidas, mas também tão diferentes no modo de enfrentar a vida. Eu me rendi: essas mulheres me embriagaram e destruíram as certezas que até aquele momento eu acreditava ter. Todos os diálogos foram cheios de emoção, uns se manifestaram outros não, mas todos recheados de sentido e sentimento.

Historicamente, as mulheres negras são faladas ou simplesmente se calam. Nunca falam. A retomada da pensadora Lélia Gonzalez cumpre o papel de apontar para a academia que existe um direcionamento que leva muitas mulheres para a lata de lixo. Enfatizar essa literatura acadêmica é suscitar a leitura imprescindível dessa autora negra:

Ora, na medida que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. [...] ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós os sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é daquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falado pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala, ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZALEZ, 1983, p. 225)

O discurso de preconceito de raça e sexismo acerca da mulher negra a coloca à margem da sociedade, em muitas ocasiões, deslegitimando as suas potencialidades. A mulher negra desafia este discurso, ela reinventa estratégias que rompem com o discurso colonizador, pois “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33).

A fala da mulher negra escreve também sua trajetória, quando falar é se colocar no mundo, se afirmar diante do outro. A exemplo da estudante Rosa, mulher negra, que desde muito cedo conheceu a discussão racial por conta do irmão assassinado por

²³ O título faz referência a uma expressão usada por Lélia Gonzalez (GONZALEZ, 1983, p.225), como irei trabalhar em seguida. Lélia de Almeida Gonzalez foi militante negra e feminista, participou da criação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN-RJ), do Movimento Negro Unificado (MNU), do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras-RJ, do Olodum-BA.

racismo. Rosa é moradora da comunidade da Serrinha, paga aluguel, o qual divide com seu namorado. Foi cotista de ações afirmativas PPI na UDESC e sobreviveu durante todo o período de graduação com bolsa estudantil e freelances.

[...] muitas aulas a gente foi calada, de trazer a discussão e colocar pro professor fazer o debate e o professor falar: “ah tá, no próximo texto a gente discute isso, em outro momento [...]”, a gente não discutia, ou ser colocadas naquele lugar de elas sabem desse assunto!

Para descrever a trajetória de uma mulher negra é necessário observar que a sociedade é multivocal e não há som determinante, deste modo, colocá-las em um lugar descolonizante é ouvir múltiplas vozes, ouvir suas subjetividades.

Portanto, destaco a escolarização como um tema fundamental para refletir sobre as vozes destas mulheres negras com livros nas mãos.

4.2 Escolarização

Com a “Reforma do Ensino Primário e Secundário em 1870 que a população negra começa a trilhar o direito ao ensino público”, como escreveu Schumacher e Brazil (2013, p. 88), e diante dos racismos impostos e das impossibilidades da população obter uma educação de qualidade, surgem outras formas de educação, como associações, grupos teatrais, grupos recreativos, movimentos²⁴. A escolarização ainda não produziu na sua totalidade o sinônimo de superação das desigualdades, porque no seu interior reproduz a estrutura racista. A parcela mais vulnerável são as mulheres negras:

[...] as mulheres negras, em especial – vêm ocupando as universidades públicas e privadas, mesmo que a situação ainda esteja bem distante do que deveria ser. A ampliação do acesso à escola não trouxe o fim das desigualdades raciais. (SHUMACHER; BRAZIL, 2013, p. 92)

Os métodos colonizadores e eurocêntricos da escola nem sempre dialogam com as realidades, com os projetos societários e com os diferentes saberes. Ainda hoje é possível perceber que existe uma escola que “[...] se pensa como única e universal. Ou seja, se a escola deve ser indiferente aos territórios, às origens, à cultura das famílias é o princípio da indiferença ao outro que está na raiz dessa instituição” (ABRAMOWICZ; GOMES, 2010, p. 8).

²⁴ Acerca do tema: DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro alguns apontamentos históricos. Tempo, v.12, n.23, 2007.

A distância entre os projetos de escolas e os projetos vida dessas mulheres negras torna-se maior quando a realidade é a formação profissional por meio da educação. É possível observar em suas falas que não é por vontade própria que pararam de estudar: seus projetos de vida como estudantes foram estagnados pela necessidade de subsistência, ora da família, ora pessoal. Majoritariamente, para população negra a educação e a escolarização vem em segundo plano.

Marielle foi buscar uma formação profissional em um curso de informática. Recebeu o convite de um dos seus professores para participar da seleção do curso pré-vestibular Integrar. Atualmente a estudante tem cinquenta anos e é graduanda do curso de Arquitetura da UFSC. Ela ainda faz faxina para se manter.

Eu sempre quis continuar meus estudos, então fiz um curso profissionalizante[...]. Eu fazia um curso de gastronomia, eu sabia cozinhar, mas não tinha o diploma de cozinheira. Aí tive que buscar esse diploma [...], fiz um curso de informática, pra me atualizar com as novas tecnologias[...]. Era oferecido pela CUT, 3 vezes na semana e no período noturno, então dava pra eu trabalhar e ir pro curso. Eu fiquei 20 anos fora da escola. Do término do ensino médio até o Integrar deu mais de 20 anos. Foi toda em escola pública, regular e na mesma época eu já trabalhava, então tinha que conciliar com os estudos. E parei de estudar depois que tive meu 3º filho. Terminei meu 2º grau e já comecei a trabalhar. Já tinha filho quando estava no ensino médio, e tinha que pagar pra alguém ficar com eles no período da manhã até eu voltar da aula, e teve uma época que eles ficavam na creche e era integral, [...] ia para aula, voltava fazia as coisas de casa e no fim da tarde pegava as crianças. (Marielle)

Esta fala é frequente, encontrada em várias mulheres negras entrevistadas – mais precisamente, 6 entre 9 do total das entrevistadas –, a lembrança do abandono escolar.

Eu fiquei 6 anos fora da escola, concluí o ensino médio, aí parei, sempre tive vontade de voltar a estudar, mas não via como voltaria por que tinha que trabalhar, não tinha condições nenhuma, [...] me lembro de quando era mais nova não queria só concluir o ensino médio, quero estudar mais, saber mais, e eles falavam “mas precisa ter dinheiro, e dinheiro a gente não tem”. Acho que até hoje não consegui fazer um curso de computação, não tenho nem o básico, mexo ali por mexer. Me lembro também que quando começou a ter o curso de computação pra lá (Teofilândia), eu falava para eles [pais] que queria fazer, eram 15 reais por mês a mensalidade e não tinha como, por que se eu tirasse 15 reais, faltaria pra alguma coisa no mês, não teria como. Ninguém era assalariado. (Glória)

O contexto de dificuldades inerentes à trajetória escolar dessas mulheres nos faz pensar que a instituição escolar ainda não compreendeu que os Estudos Afro-Brasileiros se fazem necessários para o fortalecimento da população negra, pois

Para africanos e afrodescendentes, educação é o processo por meio do qual os adultos, os mais experientes provém a transmissão, entre gerações, de conhecimentos, valores, crenças, tradições, costumes, rituais e de sensibilidade para compreender as razões de tudo o que deve ser mantido, superado, recriado. Por meio da educação, aprendemos a determinar o que é de nosso interesse de povo negro, distinguir nossos interesses dos de outros, reconhecer quando nossos interesses são consistentes ou inconsistentes ao lado dos de outros. A educação nos prepara para aceitar o apoio e liderança, enraizados na cultura e na história, da geração que nos precede, a fim de que venhamos a nos realizar e a fortificar nossa comunidade, além de nos preparar para apoiar a formação da geração que seguirá a nossa. (SHUJAA, 1994 *apud* SILVA, 2010, p. 10).

Mesmo com a crescente onda de políticas públicas que visam a inclusão das populações negras nas universidades e das temáticas referentes ao ensino de história e cultura africana e afro brasileira, pouco avanços são perceptíveis na estrutura racista do Brasil. É possível ver na fala de Rosa, que buscou o curso de história para também suprir uma lacuna existente na sua história de vida, que ver isso nos bancos escolares como uma disciplina faria o grande diferencial.

No meu curso especificamente não há discussão racial [...] ao decorrer do meu curso fomos a resistência e trazíamos sim, a gente era conhecidas como as meninas que traziam polêmicas pra sala de aula. Porque em todas as disciplinas, em todos os textos que a gente conseguia ler, a gente buscava fazer esse recorte e trazer essa discussão em todos os textos. No meu curso tem África I e África II, que são as disciplinas que a gente tinha aberturas, os texto também que a professora trazia eram textos que podiam, que em algum momento a gente conseguia por essas discussões e ela também em alguns momentos trouxe essas discussões [...].

É exatamente esse método de compreender os corpos negros que fará todo o sentindo para uma educação que possibilite, que condicione todos os tipos de conhecimento, que caminhe com as vivências, transformando-as em ciência. As mulheres negras da GESTUS mostram que a educação é o horizonte, às vezes perto, às vezes longe, mas sempre esteve lá como uma alternativa de mudanças. “[...] por meio da educação, construímos, no seio da família, da comunidade negra, a visão de mundo que

no correr da vida ajuda a decifrar linguagens, modos de viver, situações, [...] dar rumo ao próprio destino [...]” (SILVA, 2010, p. 48).

Eu morava em Brasília e trabalhava como babá, quando ela se mudou pra cá eu vim junto e ela [patroa] foi quem me incentivou a fazer um vestibular. [...] Então minha patroa veio pra Floripa e me trouxe junto, e aqui ela me incentivou fazer uma faculdade. Eu vi no Facebook uma notícia sobre o Projeto Integrar e ela me apoiou, e eu achava que não iria ser aprovada, e fui. Isso em 2015. (Ida)

A estudante Ida é uma migrante do sudeste, filha de agricultores. Durante um bom período da sua vida foi babá. Ida é uma mulher negra calada, seu olhar tímido não esconde as dificuldades de sua trajetória de vida. Percebe-se em suas falas o sentimento de desterrada, um caminho que cruza os espaços geográficos do país. O trabalho de babá que dorme na casa do patrão ainda mostra a relação de senhorio, resquício da escravidão, o que de certa forma condicionou inclusive a escolha do curso superior.

Eu escolhi Pedagogia no começo, mas depois mudei de ideia e agora estou fazendo Economia. [...] ainda não consigo saber o porquê mudei de ideia. A minha patroa me dizia que Pedagogia era uma coisa que não tinha muito futuro e me indicou procurar outras áreas melhores e cheguei em Economia. E ela disse que o mercado tem mais possibilidade de crescimento. Ela é psicóloga pelo governo na área da saúde. (Ida)

Diante deste cenário no campo da educação é perceptível que a mulher negra vem se afirmando nos espaços onde antes uma mulher negra ecoa sozinha e hoje somos muitas, caminhamos para a ampliação desses espaços. Desenhamos uma nova educação que possa dialogar com as nossas realidades, as quais tendem a nos exigir a articulação entre o processo de empoderamento político (racial e de gênero) e o processo de melhoria da condição social por meio da ampliação da escolaridade em nível superior.

4.3. O curso superior como ascensão econômica e social

Conforme Gomes, no livro *O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*, “os negros passam a buscar a universidade como um direito e continuidade dos estudos[...]” (GOMES, 2017, p. 107). É possível perceber isso nas falas das mulheres negras da GESTUS. Ao longo das entrevistas, por mais que a oportunidade econômica não tenha sido uma certeza nessa busca por um diploma, uma

certeza se configurou, a de que o ensino superior proporcionaria a construção de uma outra mulher – uma mulher negra consciente, com lugar de fala, que percebe o racismo e se posiciona diante dele.

Quanto à questão econômica, é possível ver nos relatos abaixo que temos trabalhadoras estudantes que confirmam os dados estatísticos do IBGE, os quais apresentam as mulheres como sendo a chefes de família – o que se confirma no relato da estudante Ida: [...] *estou empregada na estúdio Z, não possuo casa própria, eu e meu namorado pagamos aluguel. Eu mesma me sustento, nós só dividimos as contas da casa*”.

A estudante Marielle, 52 anos, graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, mãe de três filhos, e avó de dois netos, esteve fora dos bancos da escola. Aos 7 anos saiu de casa, pois em sua família havia violência doméstica, e foi trabalhar como babá de uma neta de um casal. Marielle foi agredida pelo casal e aos 8 anos encontrou outro emprego, no qual permaneceu até casar, somente aos 18 anos, e nos últimos meses recebeu um salário.

No momento estou trabalhando como diarista para conciliar com os estudos. Moro de aluguel. Contribuo com o sustento da minha família, já fui por muito tempo a principal e única renda, na minha família a gente dividia as contas [...]. (Marielle)

A força de trabalho da mulher negra não garante seus direitos como trabalhadora.

[...] Eu fui mandada embora, quando voltei da licença maternidade eles me mandaram embora, no mesmo dia. O sustento da família vem da minha sogra e eu, pelo seguro e ela pelo trabalho [...]. (Glória)

É possível ver que as condições materiais a forçam a continuar na reprodução de um ciclo que é excludente e feroz para as mulheres negras. Para Carneiro,

As mulheres negras brasileiras compõem, em grande parte, o contingente de trabalhadores em postos de trabalho considerados pelos especialistas os mais vulneráveis do mercado, ou seja, os trabalhadores sem carteira assinada, os autônomos, os trabalhadores familiares e os empregados domésticos. (CARNEIRO, 2011, p. 129)

Quando o quadro de postos de trabalho é excludente e mal remunerado a mulher negra lança o olhar para o ensino superior como uma possibilidade para a ascensão social e econômica.

Os negros passam a buscar a universidade como um direito e continuidade dos estudos e como possibilidade de conseguir a certificação exigida socialmente para entrar para o campo da pesquisa científica. (GOMES, 2017, p. 107)

A esperança de uma ascensão econômica é levantada como saída para algumas gestunianas, mas há estudantes que reconhecem a dificuldade de ascender economicamente por meio de sua graduação.

Eu não acredito muito, minha graduação tem oportunidades de trabalho na área pública, no privado [...], mas com os cortes de concurso que estão querendo acabar com tudo é meio difícil. Minha estabilidade financeira acho que não vai chegar [...] até hoje, nunca tivemos estabilidade [...]. Se vier, será muito pra frente [...]. Eu não pensei em fazer pra ter uma estabilidade, foi a vontade de voltar a estudar. (Glória)

Além do reconhecimento da dificuldade de acesso econômica, temos aquelas que já compreendem que tem um papel social para com seus. Marielle já faz a “deseconomização” do diploma universitário, compreendendo que o que é público deve voltar para o público, apresentando, assim, que o conhecimento é da humanidade e deve ser devolvido para ela. Nitidamente, a estudante não rompe com sua classe social e racial, compreende que aqueles que mais sofrem com a precarização de moradias são as pessoas moradoras de territórios favelados.

De forma nenhuma, porque é um sacrifício, e agora fez 5 anos e eu ainda não me formei [...] E existem várias categorias que me deixam excluída desse mercado elitizado, pois meu curso é elitizado: 1) Sou negra, 2) sou mulher, 3) estou acima da faixa etária ideal do perfil universitário, tenho 52 anos, eu sou trabalhadora, [...]E essa minha formação, eu espero que ela vá além do poder aquisitivo, por que desde que eu entrei dentro da universidade eu sempre disse isso, e pessoas me falam: “ah, mas você tem que parar um pouco de pensar tão pobre”! Já me falaram isso. Porque eu sempre falo que quero trabalhar nas comunidades, quero trabalhar com pessoas que estão na vulnerabilidade, que constroem suas casas em lugares inadequados, eu quero poder propiciar pra essas pessoas que construam suas casas nesse lugar, mas de forma segura, que tenham o conhecimento de onde elas vão construir sem ter medo de algum dia

a casa cair. Tudo o que estou aprendendo dentro da universidade, eu desejo retornar para algum lugar, pra alguma comunidade, pra essas classes que todos dizem: “ah, constroem favela, constroem uma casinha em cima da outra”. Mas é aquele espaço que ela tem, ela não vai precisar ser retirada daquele espaço, aquele espaço precisa ter condições de receber ela, por que é aquilo ali que ela pode pagar. (Marielle)

Influências da família, do contexto profissional e também dos projetos pessoais estiveram presentes na escolha dos cursos de graduação, mas por meio dos depoimentos é possível demonstrar que as limitações colocadas no processo de escolha dizem respeito também à representação da mulher negra no mercado de trabalho, com efeitos ainda mais cruéis quando se trata de uma mulher negra não-jovem.

O depoimento de Marielle é confirmado por Hooks (2013) quando apresenta o sentimento de mobilidade social, desvinculada da questão econômica por si só.

É claro que entrei na faculdade com a esperança de que o diploma universitário promovesse minha mobilidade social. Mas eu só a concebia em termos econômicos. No começo, não percebia que a classe era muito mais que a condição econômica da pessoa, que determinava seus valores, seus pontos de vistas e seus interesses. (HOOKS, 2013, p. 241)

A questão econômica não atua isolada das demais questões da vida da mulher negra. O status sócio econômico é amplo, ele está no comportamento que anuncia a diferença de raça e classe da mulher negra. A presença do corpo negro em um ambiente majoritariamente branco e elitista faz emergir as inseguranças que dantes não ocupavam o imaginário da mulher negra. Também de acordo com Hooks, há alguns fatores que estão entrelaçados à questão econômica:

Meus pais entendiam que eu tinha recebido uma bolsa que poderia fazer empréstimos, mas queriam saber de onde viria o dinheiro para o transporte, as roupas, os livros. Dadas essas preocupações, fui para Stanford pensando que a questão da classe dizia respeito principalmente à materialidade. Levei pouco tempo para perceber que a classe social não era a mera questão do dinheiro, que ela moldava os valores, as atitudes, as relações sociais e os preconceitos que definiam o modo como o conhecimento seria distribuído e recebido. (HOOKS, 2013, p. 236)

As questões que constituem a trajetória da mulher negra estão centradas na intersecção entre racismo, sexismo e capitalismo, que estrutura as relações sociais, gerando formas combinadas de opressão.

As mulheres negras eram mulheres de fato, mas suas vivências durante a escravidão – trabalho pesado ao lado de seus companheiros, igualdade no interior da família, resistência, açoitamento, estupros – as encorajavam a desenvolver certos traços de personalidade que as diferenciavam [...]. (DAVIS, 2016, p. 39)

A busca por melhoria da condição econômica e social por parte das mulheres negras lhes apresenta um desafio adicional. Assim, importa retomar o papel da presença da discussão sobre as temáticas racial e de gênero em todos os níveis de ensino.

4.4. Discussão racial e de gênero

Ao entrelaçar raça/etnia e gênero, autoras como Davis (2016) retratam o quadro de exclusão das mulheres negras, que não apresenta distinção geográfica específica, pois é sabido que, para as mulheres negras, a realidade socioeconômica produz esse escalonamento. A discriminação e a exclusão posicionam a mulher negra em um lugar que não lhe proporciona refletir sobre uma sociedade onde “O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra” (GONZALEZ, 1979, p. 02). Disso decorre a importância de que os espaços escolares contribuam com a discussão de racial, entrelaçando-as com a questão de gênero. Os depoimentos abaixo revelam a importância do tema ter sido abordado nas aulas do Integrar e de persistirmos sobre isso nos debates nos encontros da GESTUS.

Tereza, estudante de Psicologia da UFSC, 22 anos, é moradora de Florianópolis no bairro Santo Antônio de Lisboa. Essa estudante parte de um contexto familiar diferenciado das outras mulheres da GESTUS aqui apresentadas, pois ela possui uma base familiar sólida que contribuiu para que a estudante possa se dedicar ao campo da educação.

Logo, é possível perceber que o Integrar auxiliou a estudante a fazer novas reflexões acerca da temática de gênero e raça. A partir das aulas de ciências humanas que, ano de 2014, o Integrar passa a lecionar (quando as disciplinas passam a ser

organizadas de forma indisciplinar), há um fortalecimento dessas temáticas, trazendo a interseccionalidade do debate de raça e gênero.

Não [se referindo à universidade], mas [...] já era uma coisa que era falada na minha casa, pelo fato da minha mãe ser mulher negra, mas não da mesma forma com que eu tive contato no Integrar. Além da história de vida dela e dos meus tios, em alguns momentos, mesmo ela não percebendo, ela estava refletindo e falando sobre a questão racial para mim e meus irmãos, quando ela diz, por exemplo, que temos que estudar pra adquirir mais conhecimento e trabalhar em lugares diferentes daqueles que já são colocadas para nós. E também quando ela alerta meus irmãos quanto a forma que eles devem agir em certos lugares públicos, pois as pessoas e a polícia cismam com a cara deles. Então com coisas desse tipo eu acabo entendendo e questionando a questão racial na nossa sociedade. Às vezes eu me esforço pra tentar trazer essas questões pra sala, mas às vezes se torna meio que um peso, porque eu sinto que fica tudo pra cima de mim. (Tereza)

Bem como aponta Glória:

Nunca participei de nenhuma. E referente à discussão racial eu nunca vi na minha cidade, nunca havia encontrado alguém na minha cidade que conversasse sobre esse assunto, [...] Às vezes não ligava muita coisa, piadinhas racistas, então não entendia, não me ligava muito nisso. Mas foi meu primeiro contato sobre a discussão racial foi no Integrar. [...] é superficial, [quanto à universidade] é uma “pincelada”.

A GESTUS é um espaço no qual é possível fazer reflexões acerca da temática, pois as mulheres negras da GESTUS proporcionam o debate e o aporte teórico negro, principalmente sobre as mulheres negras. Conforme Hooks, [...] a teoria é importante quando o assunto é gênero, é a análise do sexismo e da opressão sexista nos modos particulares específicos com ele se manifesta, na experiência dos negro (HOOKS, 2016, p. 96).

[...] Na disciplina de história, é a única que fala alguma coisa. [...] essa ideia de discriminação dentro da universidade, eu fui conhecer na GESTUS. (Ida)

De uma família matriarcal, Angela, moradora da Tapera, no sul da ilha de Florianópolis, é estudante de Pedagogia na UFSC, umbandista. Ela iniciou suas discussões raciais no seio familiar, porém, as questões de raça e gênero aparecem nos enfrentamentos sociais.

Eu tenho uma prima que os pais dela sempre trabalharam essa questão com ela em casa e tínhamos muita convivência juntas e aí um dia ela me disse “Ah, mas tua acha que é o que?” E aquilo foi o primeiro embate, e aí eu fui pra uma marcha das vadias no meu 2º ano do ensino médio, e aquele ambiente só com mulheres brancas, todo mundo sem sutiã [...] e eu estava na frente e o policial cismou só comigo, e ele queria falar comigo só por eu estar na frente, sendo que eu não sabia de nada do planejamento e da organização da marcha. Eu só estava na frente, segurando a bandeira e ele queria “tretar” comigo, e eu sendo a única preta daquele grupo. E ali foi segundo o embate. Mas eu só pude me dar conta de que eu era negra no dia em que, até por conta dessas discussões todas sobre casos de racismo dentro do curso de medicina na UFSC, e eu escrevi algo sobre isso no twitter e um cara fez um comentário bem racista, e eu disse que ele estava sendo racista, [...] Estava uma conversa razoavelmente boa, até que umas amigas dele entraram na conversa e começaram a me “excomungar”. Até que uma delas disse “vai tomar banho de vanish pra falar comigo.” [...] ali foi o onde fechou tudo. Aquilo arrasou comigo por um bom tempo, e foi onde eu comecei a entender que eu sou negra, e parece que depois disso a vida começou a fazer sentido e ao mesmo tempo eu tinha um embate com isso por que eu não entendia o por que as pessoas eram racistas, e era um embate muito grande pra mim [...]. (Angela)

Como podemos perceber nos relatos acima, as trajetórias dessas mulheres permitira, um acesso diferenciado à discussão racial e de gênero, de modo que elas possuem compreensões também diversas acerca de suas identidades e, portanto, do modo como suas identidades condicionam suas trajetórias de vida. Nesse sentido, é possível reafirmar o papel do Integrar e da GESTUS em não apenas proporcionar o acesso e a permanência na educação superior, mas, especialmente, em possibilitar a construção de uma identidade coletiva negra que ofereça entendimento ao percurso que essas mulheres ainda pretendem trilhar.

4.5. Reconhecimento do trabalho do Integrar e da GESTUS

A prática pedagógica do Projeto Integrar e da GESTUS tem como princípios a prática de fala e escuta a partir da realidade das estudantes e a problematização dos conteúdos, ou seja, busca estudar estes conteúdos de acordo com o seu processo histórico, criando um espaço onde as/os estudantes quebram o silêncio, conforme aponta Bell Hooks:

A sala de aula, com todas as limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2013, p. 273)

A GESTUS e o Integrar se integram na busca por uma educação emancipadora, a partir do debate étnico-racial desenvolvido nas formações junto ao quadro de educadores do Projeto Integrar.

Antonieta, estudante de Contabilidade na UFSC, tem 26 anos e ficou grávida no primeiro semestre da graduação. Hoje sua filhinha tem 2 anos. Antonieta tem uma relação estável e conta com ajuda do pai para a sua condição econômica, pois ela e o companheiro não possuem casa própria. É possível compreender na fala da estudante o resultado do debate e o diferencial nas aulas, que assumem um papel de proporcionar a passagem da construção da mulher negra e da sociedade brasileira quanto à discussão racial e à democracia racial, como traz o excerto retirado da entrevista:

Essa questão de discutir a sociedade, de falar sobre coisas que eu nunca tinha ouvido falar, fora as disciplinas que são apresentadas, fazer a discussão fala sobre raça, racismo, fala sobre classe dentro de uma sala de aula eu nunca tinha visto mesmo na sala de aula quando minha professora falava de Marx não tinha essa discussão sobre o ser negro, a mulher, e no Integrar na época que eu estudava mesmo nas aulas de humanas tinha aula História e Geografia e sempre puxava para esse assunto, sempre tentava dialogar mesmo falando sei lá de antiguidade tentava falar sobre raça e classe dentro desses assuntos que foi a primeira vez que eu ouvi e comecei a tomar entendimento.
(Antonieta)

Ainda sobre as experiências educacionais vividas em sala de aula pela as estudantes, Angela, além de enfatizar as discussões (debates), traz a importância da representatividade no corpo docente do Projeto.

A forma que o Integrar acolhe e escolhe os integrantes [...]2º pelas discussões [...] Foi a primeira vez que eu realmente comecei a aprender e entender matérias como matemática, física, química, a forma como os professores davam as aulas, [...] E também quando tive uma professora preta, que falava e não se omitia, foi outra vida.
(Angela)

A Gestão Estudantil Universitária Integrar tem como objetivo central assegurar a permanência das/os gestunianas/os nas universidades. É por meio da coletividade e da formação que a GESTUS busca a efetivação dos direitos estudantis. Os encontros mensais dão condição de elaboração de pautas que estejam “coladas” às realidades vividas. A GESTUS acredita que uma mudança social é possível, por meio da educação que não seja voltado tão somente ao mercado de trabalho, pois “Ouvir as vozes e os pensamentos individuais uns dos outros, e às vezes relacionar essas vozes relacionar com nossa experiência pessoal, nos torna mais conscientes uns dos outros” (HOOKS, 2013, p. 247). Assim, o trabalho da GESTUS parte da premissa de que a universidade tem um papel fundante e transformador nas vidas dos mais vulneráveis, e principalmente das mulheres negras do coletivo que, ao longo da existência do grupo, vem despontando.

Assim, a GESTUS está formulando suas atividades, com a finalidade de aglutinar e levar a voz dos estudantes, ouvir suas problemáticas, debater suas ideias, formular novos conhecimentos, e assim, criarmos cidadãos conscientes e críticos em nossa sociedade[...] (OLIVEIRA, ROCHA, SILVEIRA, 2013, p.)

E foi pensando nessa voz organizada que a GESTUS se constituiu e vem auxiliando a vida acadêmica dessas mulheres negras. Ruth, moradora do Maciço do Morro da Cruz- Morro do Céu, é estudante de Arquitetura e urbanismo na UFSC. Irmã mais velha dos quatro irmãos, auxilia a mãe economicamente desde muito cedo. Hoje, aos 25 anos, próxima de finalizar a graduação, a estudante estanca, por meio da educação, uma história de mulheres trabalhadoras domésticas em sua família.

Ruth, na sua fala logo abaixo, confirma a importância da GESTUS como um mecanismo mais humanizado para acessar as políticas públicas da universidade, bem como de apresentar maneiras possíveis de superar uma caminhada individual acadêmica:

E eu chorei muito porque eu não sabia como iria fazer pra ficar naquele curso e eu havia acabado de sair do emprego [...]E aí eu fiquei pensando “o que vou fazer?”. Aí eu não passei no resultado, fui na PRAE, falei com a mulher, falei que não poderia ficar sem a bolsa etc. E aí ela pediu pra eu esperar mais uma semana que iria sair uma outra chamada, e meu nome saiu nela. E aí eu fiquei no curso porém a bolsa tinha contra partida. (Ruth)

E ainda segundo conta Ruth:

Foi a questão da permanência, de todo tipo de permanência, desde a financeira até a intelectual, vamos dizer assim. E o que me faz permanecer até hoje é a questão da amizade, da discussão. A importância de participar é de mudar o mundo. Não sei se isso será possível, mas...

As formações na GESTUS fazem com que as mulheres negras troquem entre si as experiências e compreendam que umas precisam das outras para garantir uma possível ascensão social e o empoderamento, dentro e fora dos muros universitários. Para Tereza:

A GESTUS me ajudou ampliar minha mente no geral, em relação a questões sociais, questões políticas, onde antigamente não tinha a noção nem o entendimento, e a GESTUS me ajudou a problematizar, a debater sobre questões que são essenciais e mostrou a importância do coletivo, que caminhar sozinho não é a solução.

É coletivamente que se trabalha com percalços acadêmicos que, por vezes, sozinha a mulher negra não consegue superar.

É a forma que a gente resiste aqui dentro, de saber que não estamos sozinhos. A universidade é um embolo de interesses e tudo, e você vê que seus colegas, por mais “amigos” que eles sejam, no que eles puderem te por pra trás eles farão. E eu percebo que, como a mina preta do rolê, se tiver que bater na gente, mesmo que de forma sutil, eles farão. E na GESTUS não, lá eu encontrei com quem eu pudesse me juntar, é bem essa coisa de resistir na universidade, desde o transporte até os trabalhos escritos. (Glória)

Jurema, moradora do bairro Pantanal, 38 anos, solteira, migrante do Pará, estudante de Sistema da Informação, compreende que o coletivo tem um papel importante quanto ao reconhecimento dos pares. Como afirma Hooks, ao adentrar em uma instituição de ensino superior, o corpo estudantil de uma determinada classe são “encorajados, como muitos estudantes ainda são, a trair nossas origens de classe” (HOOKS, 2013, p. 241).

Participar da GESTUS, porque que é importante, eu acho que a partir da GESTUS a gente consegue ter um, como é que posso dizer, eu me vejo mais próximas de pessoas que tem uma realidade parecida com a minha né, porque, por exemplo, eu sou de um curso totalmente elitista dentro de um núcleo elitista né, que é o centro tecnológico. E ali às

vezes eu não me vejo pertencente, digamos assim, e quando eu encontro com pessoas da GESTUS eu vejo que eles têm uma realidade mais próxima da minha, então eu consigo me ver mais acolhida, mais próxima, mais pertencente daquele grupo. (Jurema)

Segue na mesma linha a narrativa sobre o espaço universitário e a coletividade na fala da Antonieta:

A GESTUS para mim é a base que eu tenho para estar na Universidade, a força que eu tenho para estar aqui, a importância além disso de ser a minha força de onde eu vou buscar a minha coragem para continuar. Na GESTUS também, através dos debates, eu consigo ter uma visão muito maior do que o pessoal que só está na universidade, sabe, que não dialoga, que não conversam sobre assuntos que são superimportantes, eu estou em um curso onde a minha realidade é totalmente diferente do restante do pessoal, sei lá, os alunos da minha turma 90% tem uma condição de vida muito melhor que a minha e não tem a mesma visão.

Para além de ter como uma das finalidades o utilitarismo, que visa preparar as estudantes negras, já que é delas que falo, para passar nas provas de vestibular, o Projeto de Educação Comunitária Integrar vem cultivando nestas mulheres a semente de que a educação do Ensino Superior é possível. Compreende-se que esta possibilidade é também umas das metas destas mulheres, que estas são questões do dia-a-dia delas. Cada aula com um/a educador/a comprometido/a com uma educação transformadora, que deseja construir espaços de cidadania e fortalecer as potencialidades, direcionando novos horizontes, condiciona as mulheres negras – e estudantes mais vulneráveis do Projeto – para um novo desafio que pode ser ultrapassado, ou seja, que a academia também é espaço das classes populares, como as trabalhadoras e as mulheres negras.

Essa questão de você estar dentro da universidade e você perceber as diferenças que são mascaradas, através das discussões políticas que são feitas dentro das reuniões da GESTUS. As situações que elas são mascaradas ou não são visíveis, que tem uma sutileza na hora de ela aparecer pra você e só estando na GESTUS para ver por trás desta sutileza. [...] o que mudou na minha vida foi que me tornei mais autônoma, eu decido o que eu quero pra minha vida, quando eu vou fazer e como vou fazer. E eu deixei de ser uma peça no sistema capitalista. (Marielle)

Entendo, assim, que a fonte humana vem do Integrar, e a GESTUS contribui para a desconstrução da individualidade destas mulheres negras, com formações conscientes acerca da importância da coletividade, e que juntas a criatividade flui e

contribui para uma visão mais crítica dos temas que foram apresentados aqui neste trabalho. A coletividade tem por objetivo também, além de agenciar a autonomia das mulheres negras, fortalecer os laços de solidariedade como estratégia de resistência subjetiva (pela identidade racial e de gênero), assim como desbaratar as estruturas acadêmicas que estão carregadas de burocracias, o que muitas vezes acaba desqualificando a estudante, fazendo que a mesma não alcance seus objetivos dentro do campo acadêmico. Um exemplo é a perda da bolsa estudantil, como exemplifica a Jurema a: “em 2016 eu perdi, justamente por causa desse desempenho acadêmico né [...]”.

Logo, é a coletividade que oferta o apoio econômico, mas é preciso ressaltar que é o entendimento de que umas necessitam das outras para dar continuidade à vida dentro e fora da academia que estimula a não desistência destas mulheres. É esse processo de fortalecer a coletividade com formações políticas, compreendendo que cada uma de nós tem o papel importante de articular no cotidiano da vida com outras pessoas e outros espaços, na construção de uma sociedade de equidades. A GESTUS mostra que as mulheres negras vêm balançando a estrutura.

4.6. A condição presente e as perspectivas de futuro

Acerca da compreensão da educação popular, ela não é bancária e o saber não é uma doação (FREIRE, 2015). A educação popular dialoga, é criativa, só há saber se com os outros; todos sabem, educandos e educadores. É nessa perspectiva que o Projeto Integrar e a GESTUS sedimentam a sua caminhada. A proposta da Educação popular é (re)construir espaços, é a busca de liberdade, visando construir modos de ultrapassar as fronteiras que insistem em colocar as estudantes negras em questão em um lugar de desprivilegio.

Partilhando da fala da Ida, é possível observar que, dentro de todos os seus limites, a estudante encontra o caminho para falar sobre as questões que a confrontam e causam tensão. “*Eu agora consigo me impor mais, antes as pessoas falavam e eu ficava calada, não tinha o que dizer. Faz toda diferença na minha vida*” (Ida).

Marielle expõe que há, por meio da GESTUS e do Integrar, uma educação popular, que possibilitou uma autonomia e coragem para os enfrentamentos da vida dentro e fora da academia. A estudante aponta as superações:

Pois agora eu consigo ter uma leitura melhor das políticas, da situação atual, eu consigo fazer a análise das questões do sistema, das questões sociais de uma outra forma. Hoje consigo questionar mais. As pessoas me dizem [...] tudo pra ti é crítica, é porque é negro, é preconceito, é racismo, mas é que tudo pra mim é assim, sempre foi e hoje eu consigo ver, hoje eu não aceito que as pessoas façam eu engolir uma situação que pra mim ela não é digestiva. Eu questiono mesmo. Esse processo do cursinho, onde fiz visando o mercado, hoje é diferente, conversando aqui contigo eu não vejo mais o mercado. Agora estou visando algo maior que o capital, no meu entender tem mais valor que o capital. Eu sou uma pessoa que tem essa consciência da minha existência como mulher negra e a idade que eu tenho. Eu sei o que me espera lá fora, não sou inocente quanto a isso[...]. (Marielle)

O aprendizado de dar e ter voz, é a ênfase que a mulher negra, nesse processo educacional. As mulheres negras da GESTUS expressam o valor de serem reconhecidas como tais e da abertura para a discussão de gênero e raça

[...] principalmente o fato de que hoje em dia pra mim é uma coisa óbvia, mas antigamente eu não me via como uma mulher negra, como a mulher que é capaz de entrar na universidade, que é capaz de conquistar espaços, achava que não era pra mim, tinha medo da minha nota, de tirar uma nota horrível e eu acho que com essa caminhada na GESTUS e no Integrar eu consegui adquirir muitas coisas além de força e de entender que sou capaz e que todos são capazes com ajuda. Vejo que sou uma pessoa diferente, eu amadureci muito na GESTUS e no Integrar, [...] Hoje em dia tenho uma visão muito mais voltada pro social, hoje sei pra quem que eu quero atuar, porque quero atuar e a importância de eu estar na universidade fazendo esse curso. Meus objetivos no geral mudaram. (Tereza)

As palavras de Jurema se somam às reflexões de Tereza:

A questão do amadurecimento [...] e a forma como eu olho para o mundo. Desde a forma como me vejo hoje que foi as discussões feitas com a GESTUS, Integrar [...] Na verdade não é mudar, são informações, eu tinha uma trajetória com uma vivência né, que não tinha uma discussão ético-racial nem discussão de gênero, mas sempre me vi uma mulher muito determinada, eu sempre corri muito atrás das coisas que eu quero. Eu acho que esse é nosso papel né! Não de ser talvez inspiradora mas de ser sim uma referência, uma referência para que outras pessoas possam nos ver e falar “Ah eu posso também”! com certeza podemos fortalecendo essas mulheres com relação ao poder delas [...]acreditem que elas podem estudar, que elas podem conquistar o espaço delas, principalmente espaço de liderança de poder por que não? [...] nós mulheres somos muitos fortes. Então apesar do machismo da nossa sociedade dizer que não, [...]a gente tem que mostrar o tempo todo que a gente é forte sim! E que a gente é capaz de qualquer coisa a gente pode realmente transformar essa sociedade. (Jurema)

Para além de dar consistência à discussão racial de gênero, o debate nas reuniões da GESTUS e as aulas do Projeto projetam alcance para dentro das famílias das estudantes, possibilitando uma mobilidade educacional, criando possibilidades futuras quanto à perspectiva de vida das famílias.

Digamos que eu não tinha nenhuma perspectiva assim de vida[...]. Minha mãe é auxiliar de serviços gerais meu pai é borracheiro então eles nunca falaram assim: filha, vai estudar, vai se formar em algum curso que você vai ter um futuro melhor. Não, sabe, para meus pais talvez por ingenuidade a gente ia crescer, fazer o ensino médio que estava ótimo e iria trabalhar [...] aí quando eu entrei no Integrar e eu vi eu não e que eu podia ser mais [...] não tem como olhar para trás e achar não tem importância ou que não mudou muita coisa, porque mudou tudo. Se hoje eu sonho para a minha filha um futuro melhor, sonho que desde pequena ela vai ter acesso à educação que ela vai estudar e ter mais oportunidade [...]. Depois que eu comecei a estudar estar na universidade e ver que dá para ter uma vida diferente [...]o meu marido que que não se importava em estudar também foi atrás, agora está no IFSC, tem tudo isso, a educação transforma permite a pessoa a sonhar e algo melhor, talvez nem em relação à questão salarial, mas questão de conhecimento, questão de pode falar e dizer não[...], mas não, a gente pode sonhar em ser algo mais, é isso [...]. (Antonieta)

Quando organizadas as mulheres reconhecem em si e nas outras a força e a coragem para continuar. Mesmo diante dos desafios todas essas mulheres negras se propõem a não continuarem subordinadas e criam possibilidades para as que estão por vir, utilizando a educação.

O que mudou nessa minha trajetória foi me questionar em o que vou trazer da minha graduação pra a sociedade e para minha vida, e agora com a Aurora é um incentivo a mais para eu mudar. O que pra mim move a sociedade é o coletivo. (Glória)

Todas as narrativas demonstram a importância deste trabalho socialmente referenciado, da proposta de educação popular assumida pelo Integrar e continuada pelo trabalho da GESTUS. Uma educação que efetiva os movimentos sociais e suas pautas é o desenvolvimento da autonomia de camadas mais populares.

Encontrar a voz dessas mulheres é teorizar as vidas negras, que pouco a pouco vão tomando formas, letras, sons. E quando abrem a boca para a palavração, já é teorização. Quando elas falam, dão por finalizado o que por dentro estava inacabado,

formulam “uma teoria a partir da experiência vivida” (HOOKS, 2013, 103). Nas palavras da autora:

[...] que as negras que “se põem de pé”, que lidam com o sexismo e o racismo, desenvolvem importantes estratégias de sobrevivência e resistência, estratégias que precisam ser partilhadas com as comunidades negras, especialmente porque [...] a negra que passa por tudo isso e se descobre “tem nas mãos a chave da libertação”. (HOOKS, 2013, p. 160)

Esse desenvolvimento coletivo perpassa pelo desejo de entrar em uma universidade e depois se coloca a encarar e compreender as experiências negras, procurando superar as dificuldades e os valores burgueses. Há transformação das suas consciências ao apurar, por meio de um olhar crítico, os estranhamentos lançados aos corpos de negros dentro da academia, logo, tal referenciamento obtém êxito ao incluir as especificidades de raça e gênero no trabalho educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou desvendar os caminhos pelos quais as mulheres negras da GESTUS buscaram os livros novamente em suas trajetórias na vida adulta. Foi possível verificar como os efeitos dessa busca incidiram sobre as vidas destas mulheres, bem como se procurou compreender como esses efeitos tocaram a questão do lugar que as mulheres negras costumam ocupar na sociedade brasileira.

De alguma forma, a educação/escola fez parte das vidas dessas mulheres negras, com maior ou menor intensidade, por perspectivas de futuro relacionadas à questão econômica ou por ser um projeto de realização pessoal. Diante disso, a educação informal ou formal foi de suma importância para elas, pois foi um acréscimo às suas pretensões futuras, tanto que, em sua maioria, possuem uma escolaridade acima do que é apresentado para esse grupo afrodescendente. (SILVA, 2017, p.170).

No primeiro capítulo, intitulado Projetos de acesso às universidades, foram apresentadas três iniciativas de curso pré-vestibulares populares, sendo dois em Santa Catarina e um no Rio Grande do Sul e outro no Rio de Janeiro. As aproximações feitas com o Projeto de Educação Comunitária Integrar, atuante Florianópolis (SC) desde 2011, apontaram algumas diferenças, principalmente quanto à permanência desses estudantes após a aprovação no vestibular.

Reforçou-se a importância de trazer para as disciplinas do curso pré-vestibular as temáticas acerca de raça, classe e gênero, afinal, o público alvo dos cursos populares vive realidades completamente enlaçadas a esses temas, porém, muitas vezes, possuem a dificuldades desenvolver uma discussão crítica a esse respeito.

No segundo capítulo, Projeto de Educação Comunitária Integrar e o seu diferencial: a Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS), foram apresentadas as estruturas do Integrar, como funciona, onde funciona, bem como a GESTUS, que é construída nesse contexto de projeto e se lança para pensar e se organizar a fim de auxiliar as dificuldades dos/as estudantes que passaram pelo Integrar e que hoje se encontram dentro das universidades.

No terceiro capítulo Mulheres Negras com os livros nas mãos, apareceram as formas como essas mulheres acessam o Projeto Integrar, como se dá a abertura para a discussão de raça e gênero dentro da sala de aula, e, posteriormente a entrada dessas mulheres negras na GESTUS, com o intuito de fortalecer as vozes.

O quarto capítulo da pesquisa, As narrativas das mulheres negras estudantes da GESTUS, apontou para as falas coletadas nas entrevistas com as mulheres negras da GESTUS. Esses recortes possibilitaram verificar as similitudes entre as trajetórias de vida e também algumas diferenças, como por exemplo, algumas delas não necessitaram trabalhar enquanto estudavam; e três delas tiveram como trabalho na vida, ser babá.

Em comum esteve a questão delas se identificarem como mulheres negras. Todas elas compreenderam que esse é um posicionamento importante de empoderamento dentro e fora dos muros da universidade. A educação para todas é um passo fundamental para as mudanças que não são somente econômicas, mas sim, social e também intelectual.

As trajetórias destas mulheres negras com livros nas mãos mostram que o corpo negro vive constantes lutas para habitar os lugares. As mãos carregam livros, enquanto o estômago não digere certas coisas difíceis de engolir. A língua, na universidade, precisa se transformar: da oralidade do “pretuguês” à escrita acadêmica. O exercício de sobrevivência acontece todos os dias.

Os corpos negros carregam histórias e transitam na universidade buscando marcar tanto a história pessoal, quanto familiar. Alguns pontos levantados pelas falas da entrevistadas forma surpreendentes. Por exemplo, que mulheres negras estão sim se organizando, e quando estão juntas, elas causam estranhamento. Essas mulheres compreendem que a educação liberta, mesmo que muitas ainda tenham um luta diária entre trabalho formal ou informal, acreditam que este é o modo mais eficaz para uma projeção.

Estas mulheres negras vêm, paulatinamente, avançando na escolarização: das vinte e uma mulheres negras da GESTUS, três já estão no mestrado. Estamos quebrando a estrutura, mesmo que vagarosamente aos olhos da sociedade. Elas cada vez mais buscam discutir o papel da mulher negra na sociedade e indagam a respeito das relações patriarcais ainda impostas.

As mulheres que na pesquisa responderam que tem algum tipo de relação se mostraram mulheres que conhecem a necessidade de fazer com que seu companheiro compreenda qual a função de uma mulher negra, de buscar patamares de estabilidades para ela e para os seus, o que também se liga às questões econômicas, mas não somente isso, também envolve o lado intelectual, ou seja, conquistando uma posição como uma profissional da sua área.

Discorrer sobre essas mulheres negras marca o objeto real que é cada vez mais necessário trazer: essas experiências e outras vozes, as suas diferenças e as suas similaridades. E a quebra da reprodução que aponta que mulheres negras não conseguem assumir este lugar, de tomar a voz, de se encorajarem.

É na coletividade que essas mulheres galgam as possibilidades. Ao relatar suas experiências, recorro a fala de Rosa:

Olha onde eu estou hoje? Estou no mestrado em São Paulo. Uma pessoa, que se alguém me perguntasse, há cinco anos atrás, se iria fazer vestibular e depois do vestibular eu iria estar no mestrado? Eu falaria que jamais! isso não é pra mim. Eu diria não! Porque não sei escrever, e não sei fazer nada academicamente. Eu estaria reproduzindo isso. Eu estou aqui [...] nesse mestrado por conta da GESTUS, [...] eu não estou sozinha.

As mulheres negras se frustram e se sentem tensas no dia-a-dia universitário, mas elas resistem, elas vêm buscando se “moldar” (HOOKS, 2013) nesses ambientes, mas sem perder a autenticidade, a singularidade, com a finalidade de lutar por espaços e possibilidades. O propósito é desafiar lugares que estranham os corpos negros, é desafiar as estruturas impostas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino. **Educação e raça: perspectiva políticas, pedagógica e estéticas.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BONALDI, E. V. Tentando chegar lá: as experiências sociais de jovens em um cursinho popular de São Paulo. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, 2015. Doutorado.

BRASIL-MEC. **Prova Brasil – Apresentação.** Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>>, acesso em: 10 de março de 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** *Viveremos.* São Paulo: Selo Negro, 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica.** Universidade Paris 13. Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set.-dez. 2012. (Tradução: Anne-Marie Milon de Oliveira. Revisão técnica de Fernando Scheibe).

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas.** Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 59. ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GELEDÉS. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/>>, acesso em 10/04/18.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro no Brasil: Saberes construídos nas lutas por emancipação.** São Paulo: Editora Vozes, 2017.

GOMES, Renato dos Santos. **A formação do PVNC-Núcleo Vila Operária: uma experiência de inclusão educacional.** 2015. 82 f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2015.

GOMES, Tatiana Fernanda. **Pré-Universitário Popular Alternativa: Formação inicial para a docência entre a Educação formal e não formal.** 2017.148p. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa da Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação - PPGPE, Erechim, RS, 2017.

GONÇALVES, Petronilha Beatriz et al. Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas: Situando-nos enquanto mulheres e negras. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 45, p. 7-23, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621998000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 25 jun. 2018.

GONZALEZ, Lélia. **A juventude negra brasileira e a questão do desemprego.** Resumo apresentado na Segunda Conferência Anual do AFRICAN HERITAGE

STUDIES ASSOCIATION- APRIL26-29, 1979 (Painel sobre: The Political Economy of Structural Unemployment in the Black Community).

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Apresentado na Reunião de Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 29 a 31 de outubro de 1980.

HASENBALG, Carlos; GONZALEZ, Lélia. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1982 (Coleção 2 Pontos; v.3)

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. Editora Martins Fontes, 2013.

IBGE-Síntese de indicadores sociais: **uma análise das condições de vida da população brasileira. Aspecto Demográfico**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favela**. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

LOPES, Luana. **Cursinho Popular e ideário liberal: um estudo de caso sobre o Pré-Vestibular Gauss**. Florianópolis, SC, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

MNU 30 ANOS. Disponível em <
https://agenciapanfletaria.files.wordpress.com/2011/04/panfleto_mnu_30_anos-1.pdf>
acesso em : 01/12/17.

MAGALHÃES, Rosana Alves. A escrita feminina afrodescendente na obra de Conceição Evaristo. 2014. 110f. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Letras.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: uso e sentidos**. 3.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

OLIVEIRA, Adriel Seródio de; CARVALHO, Acelino Rodrigues de. **A DESIGUALDADE RACIAL DO BRASIL: O RACISMO ESTRUTURAL E O DETERMINISMO SOCIAL** Revista Jurídica Direito, Sociedade e Justiça/RJDSJ, v. 5, n. 1, Nov-Dez/2017, p. 228/230 Suplemento Especial, RESUMOS EXPANDIDOS, 3ª Mostra Científica 2017 ISSN - 2318-7034 [On Line] Disponível em <
<http://periodicosonline.uems.br/index.php/RJDSJ/article/view/2242/1838>> acesso 18 de julho de 2018.

Panorama da violência contra as mulheres no Brasil [recurso eletrônico]: indicadores nacionais e estaduais. -- N. 1 (2016)-. -- Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher contra a Violência, 2016. Disponível em <
<http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR.pdf>>
acesso 18 de julho de 2018.

PRÓ-FLORIPA. Disponível em < <https://prouniversidade.com.br/floripa/>> acesso em 13 de abril de 2018.

PROJETO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA INTEGRAR. Disponível em < <http://www.projetointegrar.org/>>, acesso em: 25 março de 2018.

ROCHA, Kleicer Cardoso. **A perspectiva formativa dos trabalhadores estudantes no Projeto de Educação Comunitária Integrar no contexto do ensino de geografia.** 2016. 260 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2016.

SILVA, Maria Aparecida. **Trajetória de mulheres negras ativistas.** 1.ed. Curitiba: Appris, 2017.

SILVA, Petrolilha Beatriz Gonçalves e. Estudos Afro-Brasileiros: africanidades e cidadania. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino. **Educação e raça: Perspectiva políticas, pedagógica e estéticas.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 37-54.

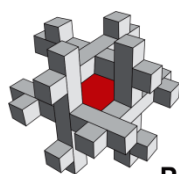
SCHERERE-WARREN, Ilse; PASSOS, Joana Célia dos. **Ações afirmativas na universidade: abrindo novos caminhos.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

_____. **Relações étnico-raciais nas universidades: os controversos caminhos da inclusão.** Florianópolis. Atilênde, 2014.

SHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Mulheres negras do Brasil.** Ed. condensada. Rio de Janeiro. Senac Nacional, 2016.

OLIVEIRA, Augusto Marcos Fagundes; ROCHA, Kleicer Cardoso; SILVEIRA, Luciana de Freitas. **Gestão Estudantil Universitária Integrar: dentro das políticas de ações afirmativas, lutando pela permanência dos estudantes socialmente vulneráveis.** 2013. Trabalho apresentado na Sexta Jornada Internacional y Décimo segunda Jornada Nacional de Investigadores em Educación. Universidade de Los Lagos, Osorno (Chile). 16 à 18 de dezembro de 2013.

ANEXO



Integrar

Projeto de Educação Comunitária

CURSO PRÉ-VESTIBULAR EXTENSIVO INTEGRAR 2016 – INSCRIÇÕES

SELEÇÃO EM 2 ETAPAS:

Fase 1: preenchimento do formulário (de 21 a 23 de julho) Fase 2: entrevistas para os selecionados na primeira fase (a partir de 27 de julho) Os nomes dos alunos selecionados na primeira fase serão divulgados no site do Integrar.

Acompanhem o agendamento dos dias e horários das entrevistas.

*** indica necessidade de documento para comprovação**

Nome

Completo: _____

RG _____ **Data de Nascimento** _____ **Qual**
seu gênero? _____

E-mail:

Endereço _____

Bairro _____

Cidade _____

Telefone _____ Celular _____ Telefone
Residencial _____

Como você se autodeclara? () Amarelo () Branco () Indígena () Pardo () Preto

Você possui algum tipo de deficiência? Qual?

Você possui alguma dificuldade de aprendizagem?

Qual seu estado civil?

1 Onde e como você mora atualmente? (Marque apenas uma opção)

- () Em casa ou apartamento, com minha família.
() Em casa ou apartamento, sozinho(a).
() Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a).
() Em habitação coletiva: hotel, quartel, pensionato, república etc.
() Em casa de acolhimento/abrigo
() Outra situação

2 Quem mora com você? (Selecione várias opções)

- () Moro sozinho(a) () Pai e/ou mãe
() Esposo(a)/companheiro(a) () Filhos(as)
() Irmãos(ãs) () Outros parentes () Amigos(as)
() Outra situação

3 Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você)

4 Quantos(as) filhos(as) você tem?

5 Algum caso de doença crônica em sua residência? () SIM () NÃO

6 Até quando seu pai estudou?

7 Até quando sua mãe estudou? _

8 Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar?*

9 Como e onde é sua casa? (Selecione várias opções)

- () Própria Quitada () Própria Financiada.
() Alugada. () Cedida. () Ocupação.
() É em rua calçada ou asfaltada.
() É no morro. () Acesso por Escadaria.
() Tem água corrente na torneira.
() Tem eletricidade. () É situada em zona rural
() Situada em comunidade indígena.
() Situada em comunidade quilombola.

10 Quantos banheiros há na sua casa?

11 Você tem acesso à internet em sua casa?

12 Há carro em sua residência? Quantos?

13 Há Moto em sua residência? Quantas?

14 Você trabalha, ou já trabalhou, ganhando algum salário ou rendimento?

- Trabalho, estou empregado com carteira de trabalho assinada.
- Trabalho, mas não tenho carteira de trabalho assinada.
- Trabalho por conta própria.
- Já trabalhei, mas não estou trabalhando.
- Nunca trabalhei.
- Nunca trabalhei, mas estou procurando trabalho.

15 Em que você trabalha atualmente?*

16 Há quanto tempo você trabalha ou trabalhou?

17 Qual é a sua jornada de trabalho semanal, quantas horas você trabalha?

18 Em que ano você concluiu ou concluirá o ensino médio?

19 Em que tipo de escola você cursou o ensino regular (ensino fundamental e médio)?

- Somente em escola pública.
- Parte em escola pública e parte em escola particular.
- Somente em escola particular.
- Somente em escola indígena ou em escola situada em comunidade quilombola.
- Parte na escola indígena ou quilombola e parte em escola fora.

20 Em que modalidade de ensino você concluiu ou vai concluir o ensino médio?*

- Ensino regular.
- Educação para jovens e adultos - EJA (antigo supletivo).
- Ensino técnico / ensino profissional.

21 Caso tenha cursado a EJA, como você cursou?

22 Você já participou de algum pré-vestibular? Caso sim, qual?

23 Você já havia cursado um pré vestibular e parou? Qual o motivo da desistência?

24 Qual o curso você deseja? Caso não saiba, qual a área lhe interessa mais?

25 O que ou quem ajudou você a tomar essa decisão sobre o curso escolhido?

26 Por que você vai fazer o Vestibular?

27 Como você soube do Projeto de Educação Comunitária Integrar?

28 Você faz parte de alguma das categorias abaixo?

- Morador de comunidade periférica
- Quilombola
- Imigrante
- Trans*
- Indígena
- Negros e Pardos
- Estudante da EJA
- Oriundo\|a de casa de passagem, acolhimento ou abrigo

() Nenhum dos itens acima

29 Por que você acha que merece a vaga no Integrar?P

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO (TCL)

Q01 Nome:

Q02 Ano de nascimento:

Q03 Naturalidade:

Q04 Território atual (onde mora):

Q05 Estado civil:

Q06 Religião:

Q07 Gênero:

Q08 Tem filh@s?

1 [] Sim. Quantos?

2 [] Não.

Q09 Você trabalha?

1 [] Sim. Onde?

2 [] Não.

Q10 Possui casa própria?

1 [] Sim.

2 [] Não.

Q11 É você que provém o sustento da sua família?

1 [] Sim.

2 [] Não.

Q12 Quanto tempo ficou fora da escola até chegar ao Integrar?

Q13 Trajetória educacional no Ensino Médio:

() Escola pública

() Escola particular

() Educação de Jovens e Adultos

Em qual período estudou?

Noturno

Diurno

Q14 O que lhe motivou a procurar um pré-vestibular popular?

Q15 Em que ano você entrou no Integrar?

O que você cursou?

Extensivo

Semiextensivo

Q16 Você já tinha participado da discussão racial antes de entrar no Integrar?

1 Sim. Em qual(is) espaço(s)?

2 Não.

Q17 O que você achou de mais significativo ou o que mais te chamou a atenção no Projeto de Educação de Comunitária Integrar?

Q18 Qual é o curso superior que você escolheu?

Como e quando você decidiu por ele?

Q19 Quando e como você conheceu a GESTUS?

Q20 O que te motivou a entrar na GESTUS?

Q21 Em sua opinião, qual a importância de participar da GESTUS?

Q22 No seu percurso universitário, você conseguiu se dedicar integralmente ao curso?

1 Sim.

2 Não. Por quê?

Q23 Você solicitou os auxílios estudantis?

1 Sim.

2 Não.

Quais?

Auxílio moradia

Auxílio creche

Bolsa estudantil

Isenção passe RU

Outros:

Conquistou os seus direitos?

1 Sim.

2 Não.

Quais?

Auxílio moradia

Auxílio creche

Bolsa estudantil

Isenção passe RU

Outros:

Q24 Como você ficou sabendo da política de permanência estudantil da universidade?

Q25 No seu curso há discussão racial ou de gênero?

1 Sim.

2 Não.

Q26 Você participa ou já participou de algum movimento social?

1 Sim. Qual?

2 Não.

Q27 O que modificou no seu processo educacional ao participar da GESTUS?

Q28 Você acredita que a sua formação acadêmica lhe garantirá uma estabilidade econômica?

1 Sim.

2 Não.

Por quê?

Q29 O que mudou na sua trajetória?